

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HV-OP-001 A / B

Entrevistado: Genivaldo dos Santos Florentino (Ponte Nova)

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 29/08/2006

Horário da entrevista: 10h

Duração da entrevista: Tempo total: 1h57min00seg – DVD / A: 58min46seg –
DVD / B: 58min14seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor)
Intervenção: Jason Barroso Santa Rosa

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Mateus Brandão (EMVIDEO), Flávia Trópia (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 21/09/2006

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 20/10/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo, a data e o local de nascimento?

Ponte Nova – Meu nome é Genivaldo dos Santos Florentino, nascido em Ouro Preto, em 29 de janeiro de 1964.

Keka Simões – Você tem algum apelido?

Ponte Nova – Apelido Ponte Nova.

Keka Simões – Por que Ponte Nova?

Ponte Nova – Meu pai viveu aqui na década de 1960, 1970, por aí. Andava pelas ruas de Ouro Preto, gostava de tomar todas e tal. Quando menino, eu aparecia em alguns momentos pela Praça Tiradentes¹, e as pessoas que o conheciam passaram a ter algum contato comigo. Depois que ele morreu, eu dei uma saída da cidade. Quando voltei, todo mundo me chamava de Ponte Nova. Aí resolvi adotar Ponte Nova como nome, que é a marca que a gente usa hoje, inclusive como profissional.

Keka Simões – E Ponte Nova por quê? Você foi morar em Ponte Nova²?

Ponte Nova – Não, eu nem conhecia Ponte Nova. Fui conhecer Ponte Nova quando já estava com 17 para 18 anos. Eu nem sabia como era Ponte Nova. A única coisa que eu sabia era que todos me chamavam de Ponte Nova. Passado o tempo, tive a curiosidade de conhecer a cidade. Afinal, foi o local onde tinha nascido meu pai, e todos me chamavam de Ponte Nova. Então, foi o que me levou a conhecer a cidade.

Keka Simões – Como o senhor prefere ser chamado?

Ponte Nova – Normalmente, eu uso Genivaldo Ponte Nova porque, na realidade, eu não posso trocar o nome. Se pudesse eu... Andando pela cidade, estando com as pessoas que têm contato comigo, eu vejo que Ponte Nova passou a ser meu nome, não é? Então, nas minhas apresentações, em termos de trabalho, a gente sempre chega e fala que o nome é Ponte Nova e o apelido é Genivaldo. As pessoas só me conhecem mesmo como Ponte Nova.

Keka Simões – Ponte Nova, qual é o nome dos seus pais?

¹ Localizada no centro de Ouro Preto.

² Município de Minas Gerais.

Ponte Nova – Meu pai, José Florentino; minha mãe, Maria Estevão dos Santos Florentino. Meu pai era nascido em Ponte Nova. Minha mãe era nascida em Ouro Preto; o pessoal dela morava em um lugar chamado Encruzilhada de Santo Antônio, que fica depois de Bandeira³, não é? Eu lembro até que, quando menino, ia muito a esse lugar. É o local de onde saíram meus parentes, por parte da minha mãe; eles moravam naquela região de Santo Antônio⁴.

Keka Simões – Em que seus pais trabalhavam? Qual era o meio de vida?

Ponte Nova – As pessoas me falavam que meu pai chegou a trabalhar na ALCAN⁵, em uma época muito antiga. No momento em que comecei a me entender, talvez, como ser humano, como gente ou coisa assim, ele já não queria mais trabalhar, já estava, parece, com a auto-estima baixa. Naquela altura, ele se entregou à bebida. Então, no momento em que o conheci, ele estava mais na farra mesmo, nas ruas, bebidas, essas coisas todas. Às vezes, ajudava as pessoas a descarregarem um caminhão, uma coisa assim. O que eu lembro, neste momento, é que ele já não estava mais trabalhando para ninguém e tal. Ele chegou a falecer com 41 anos, 41, 42, por aí.

Keka Simões – E sua mãe, como se chamava ou chama?

Ponte Nova – A minha mãe é Maria Estevão dos Santos Florentino, segue o Florentino do meu pai. Nós tivemos um distanciamento logo no início de vida. A gente até morava ali na saída para Mariana, onde tem aquela casa de pedras que hoje pertence ao Toledo⁶, não é? Eu lembro que a gente chegou a morar naquele local. Eu tinha em torno de cinco, seis anos quando ali aconteceu comigo um acidente, um caminhão, alguma coisa assim... E nesse momento meu pai e minha mãe já estavam se desentendendo. A partir daí, a gente foi colocado em casa de parentes dela – no caso, irmã da minha mãe – que moravam em um local que hoje se chama Jardim Alvorada⁷, onde tinha uma lama vermelha que era o resto da ALCAN, não é? Então, a gente morava naquela área, quando não existia nada. Era a casa da minha tia, e a gente

³ Distrito de Ouro Preto.

⁴ O entrevistado não deixou claro a que distrito de Ouro Preto se refere: Santo Antônio do Leite ou Santo Antônio de Paula.

⁵ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

⁶ Antiquário Toledo, localizado no Alto da Cruz, bairro de Ouro Preto.

⁷ Bairro de Ouro Preto.

tinha um quarto: eu, meus outros dois irmãos e minha mãe chegamos a morar em um só quarto naquele local. Quando aquilo foi vendido, transformado em loteamento, que fez surgir o Jardim Alvorada, a gente saiu daquele local. Aí começou uma nova vida: aquela de tentar sobreviver, tentar encontrar um lugar, uma coisa assim, não é? Então, minha mãe chegou a trabalhar muito tempo naquela casa do Ribas⁸, aqui ao lado do bairro Pilar, e também com os Bastos⁹, no bairro do Antônio Dias. São lembranças que a gente tem do período em que ela trabalhava na casa desse povo, como doméstica. Chegou um momento em que, parece, ela já não agüentava mais ficar por aqui, devido às situações da cidade, à forma com que a cidade... A gente diz cidade, mas dá para entender que, na realidade, são algumas pessoas, a forma como essas pessoas tratam o outro ser humano, não é? Então ela teve que sair daqui e foi embora para Belo Horizonte¹⁰. Naquela altura – eu devia ter oito, nove anos – fiquei sozinho na cidade. E não conseguia me adaptar aonde era colocado, nas casas de pessoas que ela conhecia. Não conseguia me adaptar às regras e normas que essas pessoas tinham. Eu me sentia preso, e sempre fui uma pessoa que gostei de ser livre. Às vezes, falo: quer me perder é me prender, não é? Então, a gente foi andando aí, morei um tempo na rua, fui apanhando da vida até conseguir chegar ao dia de hoje. Eu olho para trás e vejo isso tudo como uma escola pela qual eu deveria passar, eu tinha que passar para poder estar chegando onde estou hoje. O que hoje acho muito interessante é essa coisa do ser, do ser humano, daquilo que a gente consegue ser, a partir do momento em que apanha da vida, não é? A vida vai te cobrando a cada dia, e aí você consegue sair daquela sinuca de bico do dia-a-dia. Isso te transforma e é o que a gente sente hoje como cidadão ouropretano.

Keka Simões – Eu queria voltar um pouquinho, Ponte Nova. Você falou da sua tia, com quem morou. Qual é o nome dela?

Ponte Nova – O nome da minha tia, já falecida, era Efigênia¹¹. Naquela altura, ela chegou a dar uma força para a gente; ficávamos, praticamente, com ela. Comíamos, essas coisas todas. Durante algum tempo, a gente teve esse relacionamento. Foi a única das tias com quem tive uma ligação maior; os

⁸ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁰ Capital de Minas Gerais.

¹¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

demais parentes moram em Belo Horizonte, em outros lugares. De alguns eu nem me lembro mais e não conheço algumas pessoas que são da minha família, não é?

Keka Simões – Você disse que sua mãe teve que sair daqui, não agüentou a pressão de algumas pessoas da cidade, não é? Houve algum motivo específico para isso ou foi uma decisão que ela tomou? E ela foi para onde? Foi trabalhar na casa de alguém?

Ponte Nova – Ela foi trabalhar na casa de um pessoal em Belo Horizonte. Chegou a trabalhar em vários lugares em Belo Horizonte, não é? O que eu vejo – quando, às vezes, paro para pensar em tudo isso – é que minha mãe, como toda a família, era de pessoas que não tinham instrução nenhuma, no caso, saber escrever, ler, essas coisas. Então, eram pessoas que estavam aí, em pleno século XX para XXI, já sendo escravas, não é? A gente sentiu isso, analisando a ação dela naquele momento, quando deixou tudo para trás e foi embora. Eu talvez fizesse o mesmo, se estivesse também em uma situação complicada na cidade. Inclusive, nem culpo minha mãe por isso. Como filho, sou muito diferente das outras pessoas. Sou muito frio quando se fala de mãe, de pai, de família, essas coisas todas, porque na minha vida, para chegar até então, foi tudo sozinho, entendeu? Eu não tinha família, mãe, pai, aquela coisa toda. Eu tinha que me virar e quando você tem que se virar, você apanha muito da vida. Por isso eu disse que é uma grande escola, porque ela te ensina: você sabe o que é estar na rua, dormindo na rua, passando fome; você sabe o que é isso tudo porque você passa isso tudo, não é? Em noites frias, havia momentos em que, às vezes, a gente tinha que tomar um café e você tinha que sair pedindo uma pessoa e outra, aquela coisa toda. Pelo que eu passei, pela noção que a gente tem da cidade, talvez tivesse feito o mesmo que ela fez naquela altura. Eu não a culpo por nada, até a considero muito, não é? Ela hoje é casada com outra pessoa, já morou muito tempo em Vitória¹², é aposentada. Hoje mora até aqui na cidade. Às vezes, a gente conversa, dentro daquela linha de afeto, mas de uma forma um pouco diferente das outras pessoas, não é? Eu até sofro muito com isso porque, às vezes, não consigo estar em determinados lugares onde está ali família, essa coisa toda. Talvez não seja nem pela lembrança que eu tenha daquilo. Talvez seja mais pelo que eu vejo:

peessoas que, naquele momento em que você está ali, são tudo de bom e tal, quando existem milhares de pessoas espalhadas por aí que estão em situações até piores do que as que eu passei. Então, aquilo mexe muito comigo. Talvez por isso eu seja muito distante, às vezes, de determinada coisa.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹³

Keka Simões – Ainda trabalhando mais um pouco a questão da sua infância, você falou que, depois que sua mãe foi embora, foi colocado em algumas casas e que isso não deu muito certo, não é?

Ponte Nova – É, não deu.

Keka Simões – Você tinha alguma rotina nessas casas? Alguma obrigação? Escola? Como era isso?

Ponte Nova – Quando estive morando onde é o Jardim Alvorada – chamava-se Buraco Quente justamente por causa da lama vermelha que existia naquele lugar – eu cheguei a estudar naquela escola que tem lá nas Cabeças¹⁴: Baeta¹⁵, uma coisa assim. Cheguei a estudar até o segundo ano primário. Depois daquele momento, já comecei a ficar um pouco perdido, já não estava muito assim naquela coisa de escola. Quando estive na casa, por exemplo, de dona Geralda Bastos, esposa do Senhor Jayme Bastos, ela me incentivava a ir à escola. Então, cheguei a estudar no Dom Pedro¹⁶, cheguei a fazer o segundo¹⁷ ano e passar para o terceiro ano. Só que, naquela altura, eu também abandonei a escola, comecei a viver mais o mundo da rua. Acabei abandonando a escola, já não me sentia bem nela, entendeu? A linha de ensinamento, a forma de ensinar era muito agressiva: aquela coisa de bater, de forçar as pessoas de uma forma tal... Desde então, já não concordava muito com isso, o que fez com que eu abandonasse esse lado da escola. Mais tarde, já chegando em 1980, por aí, quando um colega... Eu tive um pouco de felicidade por serem pessoas muito simples e por terem me dado muito apoio, não é? Um amigo meu – hoje ele mexe com comércio e tem o apelido de Totó –, na época, me levou para sua casa. Fiquei um tempo na casa dele e resolvi

¹² Capital do Espírito Santo.

¹³ Intervenção do operador de câmera para reposicionar o entrevistado.

¹⁴ Bairro de Ouro Preto.

¹⁵ Escola Estadual Alfredo Baeta.

¹⁶ Escola Estadual Dom Pedro II, no centro de Ouro Preto.

¹⁷ Do Ensino Fundamental.

estudar. Fui para o Horácio Andrade¹⁸. Se não me engano, tirei o diploma¹⁹ em 1980. No Horácio Andrade, não tinha vaga para terceiro ano. Aí eu fiz um teste, passei, fiz o quarto ano e tirei o diploma naquele mesmo ano. Depois que tirei a quarta série, eu já tinha a intenção inclusive de estudar mais, não é? Cheguei a estudar um pouco em Passagem de Mariana²⁰, naquela escola: foi a quinta série. Logo em seguida, fui embora de Ouro Preto, fui para o Sul de Minas, onde fiquei durante um tempo. Mas não era aquilo que eu buscava e acabei voltando para Ouro Preto, para dar rumo à vida que a gente segue hoje.

Keka Simões – No período em que você ficou nas ruas de Ouro Preto, como era esse viver na rua? Você podia contar para a gente um pouco essa experiência?

Ponte Nova – Olha, o meu viver na rua... A gente sabe que todo lugar tem as disputas, as brigas, essas coisas todas. No meu tempo, logo que eu iniciava... A gente apanhou muito da rua. Apanhar não só da vida, apanhar também de pessoas que estavam ali disputando lugares, que achavam que você ia tomar o lugar delas ou atrapalhar o trabalho na área de turismo, aquela coisa toda, não é? Então, a gente, naquela altura... Havia umas regras dos mais antigos que viviam pela Praça²¹. Quando você estava ali, você apanhava, quebravam um ovo em você; às vezes, te furavam as unhas com agulha, te jogavam dentro de cemitério; você não podia trabalhar com determinados carros, tidos como “carrões” no passado, como o famoso Landau, aquelas coisas todas. Foi um momento muito difícil em que a gente tinha que ter muita habilidade para poder viver na Praça. Como todos sabem, a Praça Tiradentes é um lugar muito comentado devido ao fluxo de pessoas, às coisas que acontecem ali. Então, a gente foi apanhando da vida. A gente tomava conta de carro e ficava pela rua mesmo. Teve um momento que foi muito bom, analisando de hoje para o passado – talvez foi isso que fez com que eu conseguisse entender, de repente, o que é um ser humano, não é? É quando você passa por determinadas situações. Naquela altura, eu chegava a dormir na porta do Museu da Inconfidência²². Eu tinha o Museu da Inconfidência – a porta da

¹⁸ Escola Estadual Horácio Andrade.

¹⁹ Diploma do Ensino Fundamental.

²⁰ Distrito de Mariana.

²¹ Praça Tiradentes.

²² Localizado na Praça Tiradentes.

direita – como um dos melhores lugares para dormir durante a noite, porque era o momento de cerração baixa, quando a cidade... Aqui chovia muito, e a gente arrumava papelão, enrolava-se no papelão e dormia na porta do Museu. Em um determinado momento, era uma meia... Onze horas²³, onze e pouco, cerração baixa, eu saí daquele local e fui até o Lampião²⁴. Havia outros bares ali, Pileque, uns nomes assim. Fui até esse local, onde a gente pedia para as pessoas um café, por exemplo, ou uma broa, aquelas broas com queijo que se faziam no Lampião antigo, ou então um pão molhado. A gente comia muito pão molhado: pegava o pão com aquele molho da carne, ou então com pé de galinha, com cebola... Então, a gente pedia para as pessoas pagarem, ou até ao próprio bar. Tinha gente que dava; outros, não. Em certo dia, eu saí, fui lá, pedi, tomei um café com uma broa e tal. Quando voltei, tinha uma pessoa deitada no meu lugar. Aí eu já começo a falar da pessoa que, parece, me deu uma direção na vida, não é? Naquele primeiro momento, eu queria agredi-lo. Simplesmente ele me desarmou dizendo que eu tinha papelão e ele tinha coberta; se eu desse a ele um pedaço de papelão, ele me dava uma coberta. Assim, ele dormiu na porta da esquerda e eu dormi na porta da direita. Ele saía correndo nas madrugadas, eu ficava curioso para saber o que ele estava fazendo, quais eram as intenções dele. Um dia, descobri que ele subia pelas Lages²⁵ e ia lá para cima, onde tem aquela agüinha; ficava correndo e tal, fazendo exercício. Foi quando descobri que ele era um mestre de capoeira, ele era o...

Keka Simões – Qual era o nome dele?

Ponte Nova – É Brasa, Mestre Brasa. Ele era negro, tinha o lado do braço queimado. Às vezes, as pessoas o discriminavam muito aqui na cidade. Foi essa pessoa, com suas ações, que me ensinou muita coisa. A gente andava todo sujo. Ele me deu uma calça e uma camisa, o que me ajudou naquele momento. Perguntou primeiro o que eu fazia. Eu falei: “Ah, a gente fica aqui no turismo, toma conta de carro, essas coisas todas”. Então ele me deu uma camisa, uma calça; com isso eu já fiquei limpo, a gente começava a conseguir dinheiro. Aí ele me orientava: “Nós vamos para Mariana”. Próxima à Estação

²³ Vinte e três horas.

²⁴ Bar e lanchonete localizado na Praça Tiradentes.

²⁵ Bairro de Ouro Preto.

de Mariana²⁶ tinha uma pensão, cujo nome não lembro mais. Até a rodoviária de Mariana chegou a funcionar por ali. Então, a gente ia para esse lugar, dormia lá quando conseguia dinheiro. Me ensinou a fazer umas pulseiras porque ele também vendia essas coisas... Com isso, a gente dormia em Mariana. Foi a pessoa que começou a me orientar, a me mostrar que o caminho era outro. Um detalhe interessante é que eu só tinha uma peça de calça e uma peça de camisa e um chinelo. Quando essa roupa estava suja, eu falei para ele: “Você não tem outra camisa, uma calça...” Ele falou: “Ah, não tenho, não! Você vai ter que se virar com essa.” Eu falei: “É, mas está difícil”. Ele falou: “Não, vai para aquela agüinha lá em cima; lá você lava a roupa e põe para secar. Quando ela secar, você veste de novo”. E assim eu fiz: subia para a agüinha, lavava a roupa, botava para secar; quando estava quase seca, eu vestia e voltava para a rua. Também isso eu fiz durante algum tempo. Às vezes, quando não tinha dinheiro, a gente dormia em outros espaços da cidade. Nós chegamos a dormir no Dom Pedro: a gente pulava o muro e dormia dentro da sala de aula, em cima das carteiras. Cheguei a dormir no CAEM²⁷, onde ele dava aula de capoeira – fui até um dos primeiros alunos dele; não aprendi muito a parte da técnica da capoeira, mas aprendi um pouco... Tenho uma visão apurada em relação ao ser humano, acompanhando a capoeira. Essa pessoa também me dava orientações em relação à vida, ao ser humano, e algumas ações que eu via... Às vezes, acontecia algo e o comportamento dele era muito interessante. Aquilo fez com que eu começasse a ver a vida de uma forma diferente, não é? As pessoas o discriminavam muito, queriam... Eu falava com ele: “Ah, rapaz! Você pode bater em todo mundo, você é isso, você é aquilo...” E ele falava: “Não, a gente não tem que fazer nada com essas pessoas. Deixa elas. Elas não estão me encostando”. Aí eu ficava curioso: por que ele falava isso comigo? Então, isso foi me ensinando, entendeu? Foi uma pessoa que... Ah, não sei! Depois que ele saiu daqui, que foi embora, nunca mais o vi. Eu lembro que ele chegou e a última coisa que falou para mim foi: “Você agora está preparado para a vida”. Depois disso, não o vi mais, ele sumiu. Mas foi a pessoa que mais me orientou aqui dentro, foi a pessoa que me deu, vamos dizer assim, abertura para que eu enxergasse o

²⁶ Estação Ferroviária de Mariana, localizada no centro da cidade.

²⁷ Centro Acadêmico da Escola de Minas, localizado na Praça Tiradentes.

mundo além daquilo que a gente vive. Eu considero muito essa pessoa por tudo que ela fez por mim naquela altura e também por eu estar hoje aqui. Só estou aqui porque teve essa pessoa no meu caminho, que me orientou muito.

Keka Simões – Você se lembra, mais ou menos, da idade que tinha quando se encontrou com Mestre Brasa? E o tempo de convívio que vocês tiveram?

Ponte Nova – Eu sou muito assim desligado... Inclusive eu estou hoje aqui, e se você me perguntar o dia é capaz de não saber. Eu sou muito desligado em relação às horas e dias, às datas. Eu vou vivendo o momento, de acordo com o momento. Se o momento é bom, a gente vai vivendo e as coisas vão acontecendo. Mas eu tinha em torno de 16 para 17 anos. É uma idade perigosa, um momento muito perigoso, não é? E foi nesse período que eu encontrei essa pessoa e que ela me deu grandes orientações.

Keka Simões – Ponte Nova, você já falou um pouco dos problemas de sua vida na rua. Você se lembra também de momentos alegres ou felizes na rua?

Ponte Nova – É, a gente lembra. A gente, que vive em rua, vive em situação complicada. Quando você tinha, por exemplo... Eu não tive aquela parte de infância, de menino, de ganhar presente. Até as pessoas podem... Eu sou muito ruim para dar ou receber as coisas, porque eu não gosto de dar presente, não gosto de receber presente. Não vivi esse mundo que passou muito longe de mim. Agora, às vezes, as pessoas não entendem o porquê de a gente agir assim. Mas é porque eu não tive esse mundo. A gente teve momentos que foram bons: quando conseguia um bom trabalho, quando conseguia alguma coisa que sustentasse a gente, não é? Houve alguns momentos, sim; mas eles são mínimos em comparação com aquilo que a gente... Foram alguns momentos em que a gente teve alegrias, sim. E tivemos momentos em que a cidade esteve praticamente fechada, não é? Por exemplo, em 1979, se não me engano, teve uma chuva muito forte na cidade. A cidade ficou fechada: não entrava carro, não entrava turista, não entrava nada. E a gente perdida, porque você não tinha dinheiro, você não tinha carro para tomar conta, você não tinha nada. Às vezes, chegava um turista. Eu até tive uma sorte muito grande: entrou um turista na cidade. Ele veio por uma estrada de terra, eu nem lembro qual mais, e eu tive a sorte de receber esse cliente. Então, foi um momento que eu acho muito interessante – foi um momento em que a cidade estava chorando, chorando mesmo. Foi quando caiu aquele

morro, o Morro Santana²⁸, desceu aquela parte do Morro Santana. Foi quando deu início àquela vila que tem na Bauxita²⁹, próxima à Escola de Minas³⁰. Foi em 1979, quando houve muitas tragédias na cidade. Eu lembro também que na saída para Belo Horizonte, onde tem aquele *trailer*, aquilo tudo desceu; ali também não passava. A cidade ficou praticamente isolada. A gente subia em caminhões da Prefeitura... Junto com os colegas, a gente ajudava as pessoas a fazer mudança. A gente viu, realmente, como era o sofrimento, casas caindo, não é? Então, houve momentos muito tristes para a cidade, por causa de chuva, desabamento, essas coisas todas. A gente passou por esses momentos ruins aqui dentro.

Keka Simões – A Ouro Preto de sua infância, de sua adolescência, é diferente da Ouro Preto de hoje?

Ponte Nova – A Ouro Preto da minha infância... Em se tratando do meio que eu segui, que é o turismo, que é ser guia, que é falar da arte, da história, da arquitetura... Eu fui uma pessoa que sempre observei tudo. Não cheguei a estudar... Quando as pessoas me perguntam, ou às vezes me cobram, com relação à escola, eu respondo que a escola principal é a escola da vida, que te ensina a ser, e não a ter. Essa sensibilidade natural que a gente tem, que me levou ao mundo de ser guia, a fazer observações e observar, a ver o que muda e o que não muda na cidade... Então, baseado nisso, eu vejo uma cidade de importância muito grande, mas vejo também muita destruição. Esta destruição, que hoje a gente ouve... A gente vê as pessoas falarem de patrimônio, dessas coisas todas... Eu vejo uma destruição muito grande na arquitetura de Ouro Preto. No futuro, nós vamos ter uma cidade de capa arquitetônica, nós não vamos mais ter aquele grande segredo que foi utilizado nas construções. Porque a maior parte das casas são vendidas e transformadas em hotéis, em restaurantes, em lojas, e aquilo que foi feito no passado está sendo destruído. Analisando o que eu vi – casas antigas, ruínas, coisas importantes que foram destruídas –, a gente tem até uma preocupação com o futuro disto aqui: o que vai ser este patrimônio no futuro, uma vez que ele está sendo todo destruído, na área central da cidade? A gente vê que a destruição de Ouro Preto... Eu

²⁸ Bairro de Ouro Preto.

²⁹ Bairro de Ouro Preto.

³⁰ O entrevistado se refere à atual Escola de Minas, que fica localizada no *campus* da Universidade Federal de Ouro Preto, no Morro do Cruzeiro.

sempre falo do patrimônio de Ouro Preto... Não é esta destruição que está ocorrendo nos morros, nos cantos da cidade; esta destruição está ocorrendo no próprio centro histórico da cidade, está ocorrendo nas igrejas, está ocorrendo nas casas, não é? Eu me lembro muito bem de todos os telhados de Ouro Preto e me pergunto: “Será que o telhado não faz parte do patrimônio? Será que eu posso pegar uma igreja, como a de Santa Efigênia, e trocar o telhado, colocar um telhado novo? Será que eu posso pegar uma Igreja das Mercês, fazer o mesmo? Uma Nossa Senhora das Dores, não é?” Eu, que tenho um sentimento por Ouro Preto um pouco diferenciado, sinto muito de longe que tudo isso vem acontecendo. Às vezes, a gente não fala nada, não debate, não discute, porque as pessoas têm aquela coisa do “eu”, de achar que são mais que todas; têm mestrado, doutorado, não sei o que na Europa, e que mandam no patrimônio, e que podem fazer o que querem com o patrimônio, que podem destruir essas igrejas, essas casas; e que podem chegar junto aos moradores da cidade com casas, ou seja, barracos, e multá-los em 300 mil reais, sendo que aquilo não vale 20 mil. São coisas que incomodam e que eu, como cidadão, sinto muito quando observo tudo isso e vejo que está acontecendo aqui dentro. Também aquilo que está sendo destruído, aquelas capelas dos morros de Ouro Preto precisam ser recuperadas, não é? A gente sente, a gente vê que há coisas aqui que não batem muito bem até com aquilo que as pessoas estão tentando passar para a comunidade, em termos de patrimônio, em termos de educação patrimonial, em termos de preservação desse patrimônio, entendeu? Tem muita coisa que mexe com a gente nesse sentido.

Keka Simões – Como guia, você tem toda esta visão da questão do patrimônio e tudo mais. Como você começou a ser guia? Como você começou a falar com as pessoas? Como você aprendeu a ser guia?

Ponte Nova – Olha, eu ficava observando as pessoas. Aí começava a entrar nos carros e levava a uma igreja, levava a uma casa, levava a uma loja para comprar – eu tinha comissão – e levava a outro lugar. Às vezes, os turistas reclamavam de mim, não é? “Ah, você não sabe nada, você não sabe nada, o guia não sabe nada e tal. Todo sujo e não sei o quê”. Aquilo foi acontecendo, foi mexendo comigo, e eu naquela e tal. Eu falei: “Ah, vou desistir de guia, não quero mais mexer com turismo. Vou trabalhar, arrumar um serviço, outra

coisa”. Foi quando eu completei 18 anos e arrumei um serviço na Andrade Gutierrez, em Poços de Caldas³¹. Minha mãe trabalhava na casa de uma pessoa que tinha uma ligação muito grande nessa empresa. Essa pessoa me disse que assim que completasse 18 anos eu teria um emprego lá. Aí fui para esse lugar, onde fiquei um ano. Quando voltei, já voltei com outra cabeça, outra visão, e comecei a me interessar mais pelo turismo, a participar, com dificuldade, de congressos. Eu tive minha primeira credencial – para fazer parte da Associação³² – jogada no Beco do Pilão³³, no lixo. Eu tinha umas manchas, uns caroços no corpo, e como não tinha casa, não tinha nada... Então fiquei com aquilo. As pessoas, ao invés de me orientarem ou me ajudarem, preferiram pegar o meu documento e jogar fora. Parece que aquele documento jogado ali mexeu comigo e fez com que me transformasse em guia. A partir do momento em que comecei a participar dos congressos, comecei a me interessar também por oficinas, por cursos de 20 horas, 30 horas, 40 horas, e fiz esses cursos. Fazendo os cursos, em relação aos professores ou às coisas que eram comentadas, eu sentia que tinha um avanço naquilo tudo; parece que eu já tinha vivido tudo aquilo e tinha... Eu não sei explicar o que acontecia. Eu sei que via as coisas muito além. E com aquilo ali eu comecei a correr atrás, não é? Comecei a trabalhar na Prefeitura em 1983, capinando rua. No final de semana eu ia para o turismo. Capinava rua durante a semana e ia para o turismo, e começava a não querer ficar em um lugar só. Então, comecei a ser transferido de um lugar para outro, foram rodando comigo para lá, para cá, para lá, para cá. Eu não conseguia me adaptar em lugar nenhum – não sei se era eu ou se era o pessoal, não é? Em 1988, trabalhando já na Prefeitura, cheguei para uma pessoa e disse para ele: “Olha, ou vocês me dispensam da Prefeitura ou me transferem para o Turismo³⁴”. Eles me transferiram para o Turismo, em 1988, quando então comecei a ficar ali naquele meio e a colocar em prática tudo aquilo que eu sentia, a minha visão de coisa e tal. E comecei a receber visitas, não é? Como fui um dos últimos a chegar e já havia pessoas há mais tempo, elas não aceitavam que eu atendesse, por exemplo,

³¹ Construtora Andrade Gutierrez. Poços de Caldas é um município de Minas Gerais.

³² Associação dos Guias de Turismo de Ouro Preto.

³³ Beco localizado ao lado do Centro Cultural e Turístico do Sistema FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), na Praça Tiradentes.

³⁴ Secretaria Municipal de Turismo.

embaixadores, aquele pessoal todo que vinha para cá, visitas. A minha função na Prefeitura seria a de receber, de fazer estas visitas com embaixadores, jornalistas – a tal da visita oficial, não é? Eu senti que naquele meio as pessoas também me colocavam um pouco para trás. Eu não falava nada com ninguém; só procurava o conhecimento: procurava livros, procurava pessoas que me orientaram muito – muitas pessoas com quem cheguei a conversar na cidade, já mais de idade –, procurava ler, ouvir, assistir a jornais e tentar entender o que são, realmente, as coisas. Isso tudo foi me transmitindo conhecimento, e hoje eu atuo como guia. É uma profissão que eu admiro, gosto e tento fazer diferente, justamente para permanecer no mercado, senão eu não posso... Não vou ter clientes se eu não fizer a diferença. Então, como profissional eu procuro um diferencial: às vezes, faço uma mistura muito grande de história, política, tudo envolvido, não é? Se você não entende da política, se você não sabe tudo o que aconteceu, as lideranças, as pessoas que passaram aqui dentro, você não consegue ter uma visão de uma cidade como tem que ter. Então, essas coisas por que passei aqui dentro foram me direcionando e eu naturalmente... Quando hoje vou trabalhar com algum grupo – normalmente trabalho só com as pessoas que me conhecem; eles me ligam e me contratam –, eu falo nas minhas apresentações: “Eu não sou formado em nada. Sou só curioso”. Porque eu vejo a nossa cidade, a cidade de Ouro Preto, em si, como uma escola que, se você quiser, aprende muito com ela, não é? Você pode olhar as construções, tudo que tem aqui dentro te ensina. A gente vê que levaram muito ouro embora, mas deixaram uma riqueza muito grande que é essa arquitetura, que é essa coisa do Barroco, que são essas coisas que a gente tem aqui dentro. Eu tenho isso tudo como uma escola; um momento em que ainda não tinha escola de muita coisa, mas as pessoas já tinham conhecimento, não é? A curiosidade para entender esse patrimônio, essas coisas, fez com que eu, hoje, me transformasse em um guia que consigo trabalhar com pessoas que antes eu não trabalhava, e que antes as pessoas não me chamavam para trabalhar. E também sou muito... No aperto, eu fico calado e dou a volta e chego na frente. Quando a pessoa acha que eu desisti, eu estou lá na frente, porque já dei a volta.

Keka Simões – Como guia, você continua ou não ligado à Prefeitura?

Ponte Nova – Continuo. Até então, não consigo ver a Prefeitura, em termos de turismo... Eu não consigo ainda ver pessoas com afinco, com vontade de chegar, que sentam e falam: “Eu vou trabalhar para o turismo de Ouro Preto”. A gente não tem que ver o turismo de Ouro Preto só de cima, a gente tem que ver de todas as formas porque é uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade³⁵. Queiram ou não, a ela vêm clientes de todos os níveis. O que a gente tem que fazer é se preparar para receber esses clientes de todos os níveis que vêm à cidade. Não adianta tentar preparar a cidade para receber só um tipo de cliente. Não sei se é crítica, mas sinceramente ando um pouco magoado com a direção do turismo da cidade. Eu acho que as pessoas não enxergam o ser humano, o cidadão, as pessoas que ali estão, não é? Isso me incomoda muito; às vezes, falo algumas coisas, brigo em termos de debate e discussão com algumas pessoas, porque não concordo com determinadas idéias que vêm para o turismo na nossa região. Eu sou muito de defender também aqueles que, como eu... O que eu passei, o que sofri, o que apanhei na Praça... Eu sei que todos esses que estão ali também são seres humanos, também têm direito de viver. Então, sou totalmente contra quando as pessoas vêm com aquela idéia de eliminar as pessoas. Eu acho que a gente não tem que eliminar as pessoas, a gente tem é que preparar as pessoas, não é? Sinto que falta isso na cidade. E quando a gente quer fazer as coisas, preparar as pessoas, não é com aquela visão egoísta: “Eu! Tem que ser do meu jeito”. Não é assim. Então, eu acho que é por isso que Ouro Preto é uma cidade que tem um potencial violento e que, infelizmente, a gente vê essas brigas, essa coisa de que é o guia que está errado. Ninguém está errado! Só o guia está errado, é só o guia que destrói a cidade, mais ninguém: o comerciante, os empresários, a Prefeitura, ninguém mais está errado, só os guias! Todos os problemas de Ouro Preto são os guias. Será que os guias são tão fortes assim para criar tantos problemas? Às vezes, eu me pergunto e penso muito em cima disso. Eu já fiz muitos cursos, com muitos professores de peso – até cito alguns nomes que eu lembrar – que são pessoas que também contribuíram para eu ter a visão que tenho, não é? Alguns me marcaram muito. O próprio José Arnaldo³⁶,

³⁵ Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Este título foi concedido pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

³⁶ Professor José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima, do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (ICHS/UFOP).

com quem eu fiz curso de Barroco, de História da Arte, no ICHS³⁷. Há pouco tempo, fiz um curso – Poética do Barroco – com o Adolfo Hansen³⁸, outra pessoa sensacional, com uma visão muito apurada. O próprio Marcos Hill³⁹, e você⁴⁰ também, quando nós fizemos parte da Cooperativa de Turismo. Nos seus questionamentos, você fez uma pergunta: “O que é o Barroco?” Eu disse: “É tudo”. E aí gerou uma discussão. Eu disse tudo justamente para que a gente debatesse o assunto, porque realmente é tudo. Há outras pessoas, Adalgisa Arantes⁴¹, irmandades e outros mais. São muitas pessoas que contribuíram para que eu fosse guia hoje. Agora, há também aquelas pessoas que, às vezes, não aparecem muito. Eu já virei noites com elas: José Efigênio Pinto Coelho⁴², o próprio Chiquitão⁴³, que é meu amigo, que mexe com coisas antigas, o Vinícius Godoy⁴⁴. São muitas pessoas que fazem parte da minha vida, que me orientaram muito. Alguns até conheceram meu pai, não é? Quando estava em uma situação difícil, alguns me deram muito apoio. Então, tem muita gente que contribuiu para que eu tivesse o conhecimento que eu acho que tenho, porque na realidade a gente está sempre aprendendo, não é? Então, é muita gente.

Keka Simões – Você falou da questão do turismo, do potencial que a cidade tem. Dentro disso, em relação às festividades que ocorrem ou que ocorriam em Ouro Preto, quais são os tipos de festas que a cidade tinha e tem? Festas religiosas ou não?

Ponte Nova – Olha, isso deixa a gente até um pouco triste, não é? No momento, sou representante de uma comunidade, a do bairro da Piedade, e às vezes as pessoas chegam e falam: “Ah, Ponte Nova, e a festa? Não tem banda mais”. Eu falo: “Pois é”. “Ah, não tem isso, não tem aquilo”. “Ah, não tem mais as brincadeiras, aquela coisa de leilão...” Acabou tudo por quê? Porque as pessoas que se apresentam para liderar grupos e algumas entidades acham

³⁷ Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

³⁸ Professor João Adolfo Hansen, da Universidade de São Paulo e do Curso de Pós-Graduação em Cultura e Arte Barroca, oferecido pelo Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (IFAC/UFOP).

³⁹ Professor Marcos Hill, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Curso de Pós-Graduação em Cultura e Arte Barroca, oferecido pelo IFAC/UFOP.

⁴⁰ O entrevistado refere-se à entrevistadora Keka Simões.

⁴¹ Professora Adalgisa Arantes Campos, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich)/UFMG.

⁴² Artista plástico, restaurador e pesquisador de Ouro Preto.

⁴³ Artista plástico de Ouro Preto.

que as coisas têm que ser do jeito que beneficia a elas, e não a um todo, e não ao povo no geral. Com isso, cortam as coisas das festas da cidade. A gente sente que a cidade está perdendo muito com isso. A própria Semana Santa de Ouro Preto, que saía do Antônio Dias⁴⁵ e ia para o Pilar⁴⁶, passando pela Praça Tiradentes, Rua Direita, Rua São José⁴⁷... Hoje isso raramente acontece: eles dão volta para não passar pela Praça Tiradentes, pela Rua Direita e Rua São José. Então, quer dizer, são algumas disputas de poder... Eu acho isso muito ruim para a cidade, não é bom para a comunidade, faz com que a cidade vá perdendo as suas festas. Todos nós sabemos que as nossas festas de Ouro Preto são muito dentro da linha religiosa, não é? A gente sabe que a Igreja Católica tem um poder violento na nossa cidade. As festas de Nossa Senhora do Rosário, por exemplo, da Santa Efigênia, e outras mais, de tradição da cidade, estão morrendo todas. As festas juninas... Este ano mesmo a gente não viu uma boa festa na Ponte do Antônio Dias⁴⁸. Então as pessoas ou começam a liderar com o interesse próprio, ou então querem acabar mesmo com aquilo. A gente sente também que a cidade tem uma preocupação muito grande com dormir, com barulho, com som alto e coisa e tal. A gente sabe que tudo isso existe; não tem como acabar com isso. Isso existe! Nós estamos no mundo, nós estamos vivendo. Às vezes, as pessoas chegam a uma determinada idade e esquecem que foram meninos, esquecem que foram adolescentes, esquecem que namoravam, esquecem que bebiam, esquecem que iam às festas, esquecem que faziam bagunça na rua, e hoje querem julgar os outros. Por que elas podiam fazer e os de hoje não podem? Eu acho que tudo tem que ser feito com transparência. Tenho certeza de que as pessoas não vão destruir as coisas, como falam que destroem, não é? Então, isso aí tudo faz com que a cidade perca muito, e, se a gente não tiver muita força, outra tradição da cidade futuramente deve acabar: o Carnaval. Esse Carnaval de desfile de escola de samba, em Ouro Preto, é interessante porque mobiliza as comunidades. A gente vê aquela coisa do bairro do Padre Faria: “Ah, o meu bairro!” O bairro Antônio Dias, o bairro Pilar... As pessoas ali lutam para que o

⁴⁴ Artista plástico de Ouro Preto.

⁴⁵ O cortejo saía da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no bairro Antônio Dias.

⁴⁶ O cortejo chegava à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, no bairro Pilar.

⁴⁷ Ruas do centro de Ouro Preto.

⁴⁸ Também conhecida como “Ponte de Marília” ou “Ponte dos Suspiros”. Anualmente, no mês de junho a comunidade do bairro organiza aí uma festa junina.

bairro seja o vencedor, as pessoas vão à Praça Tiradentes e torcem por uma escola ou por outra. Se isso acabar... O único lazer que a comunidade de Ouro Preto tem, dentro deste patrimônio, é assistir a um desfile da escola do seu bairro na Praça Tiradentes. Com isso eu já quero dizer que sou radicalmente contra tudo o que queiram fazer para tirar o Carnaval do centro histórico de Ouro Preto. É a única coisa que o povo de Ouro Preto usufrui no centro histórico: estar ali na Praça, torcendo por sua escola, que veio do Antônio Dias ou que veio de Saramenha⁴⁹ ou que veio de qualquer outro lugar. São tradições, são coisas interessantes, e a gente vê que as pessoas acham que têm de tirar dali e levar para outro lugar. A gente sabe que tem coisa que tem que tirar. Mas eu acho que essa coisa do Zé Pereira⁵⁰, da escola de samba, não deve tirar porque combina com o conjunto arquitetônico. Não sei se vocês já observaram, mas combina com o conjunto arquitetônico. Isso não vai destruir o patrimônio. Quem está destruindo o patrimônio é o próprio Patrimônio⁵¹.

Keka Simões – Eu quero retomar a questão do trajeto da procissão da Semana Santa. Qual é o motivo alegado para a mudança de trajeto?

Ponte Nova – Olha, pelo que a gente pode entender, é o jovem, é a bagunça, é o estudante, são as repúblicas, não sei o quê. Outra questão também interessante: gente, nós estamos em uma cidade e temos de conviver com tudo que existe nela. Eu não tenho que chegar e criar as minhas regras e minhas normas: “Não pode, porque está prejudicando, porque está atrapalhando”. A gente sabe. Agora, por que não conversar com essas pessoas, por que não chamar os estudantes? Eles podem contribuir com o patrimônio, com a cidade. Por que não se aproximar dessas pessoas e montar alguma coisa em parceria, trabalhar em parceria? Tenho certeza de que não vai ter aquilo que eles falam sobre perturbar a Semana Santa ou não sei o quê. Por que não combinar com os comerciantes para fecharem o comércio no momento em que a procissão for passar pela rua, entendeu? Isso é uma tradição e quando se tira a Semana Santa da Rua Direita, Rua São José, Praça Tiradentes, mata-se a procissão. Eu mesmo já virei noites andando com

⁴⁹ Bairro de Ouro Preto.

⁵⁰ O Bloco Zé Pereira Clube dos Lacaio é considerado a maior tradição do Carnaval ouropretano. O bloco tem cerca de 130 anos e foi fundado pelos lacaio (empregados) do Palácio do Governador (atual Escola de Minas, no centro de Ouro Preto). Sua principal alegoria são os bonecos com mais de dois metros de altura.

⁵¹ O entrevistado refere-se ao IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

negócio de tapete⁵², Rua Direita, não sei o quê, onde havia umas serestas. São coisas tradicionais da cidade, que não devem acabar. Às vezes, vejo pessoas falando assim: “Ah, nós vamos resgatar a Semana Santa de Ouro Preto!” Você não resgata aquilo que já foi. Já foi! As pessoas que, com amor, com vontade de fazer, já desistiram... Outras pessoas para fazer tudo aquilo... Vai ser difícil incorporar nelas aquele espírito, aquela vontade de fazer com prazer. Tem muita gente que já desistiu. Eles não querem mais participar, eles não concordam com muita coisa que acontece. Isso também mexe um pouco com a comunidade de Ouro Preto. A gente vê que as pessoas de Ouro Preto, às vezes, têm auto-estima baixa, porque é muito “não”. Aqui todo mundo sabe dizer: “Não! Não pode e tal!” Mas ninguém sabe dizer um “não” com categoria: “Não pode porque atrapalha, e isso, isso, isso, isso”. É um “não” radical. E as coisas não funcionam dessa forma. Então, eu vejo que Ouro Preto precisa de uma força espiritual muito grande, para que as coisas aconteçam. Se não tiver isso, nós vamos perder muito mais ainda.

Keka Simões – Sobre os tapetes, a que você se referiu, quem os fazia? Como isso era combinado entre as pessoas? Existia a paróquia responsável que coordenava? Eram grupos de pessoas? Como isso acontecia?

Ponte Nova – Olha, é uma participação da paróquia; também tem participação da comunidade. Normalmente, são pessoas ligadas aos grupos, às irmandades e coisa e tal, e que moram nas ruas por onde a procissão passa. Então, eram mobilizados esses moradores que, com alguns artistas, pintores e outras pessoas mais, faziam o tapete daquela rua, daquele lugar, como Rua do Ouvidor⁵³, como Rua Direita. Ou, às vezes, até a Fundação de Arte, a própria FAOP⁵⁴, em frente ao seu espaço, aquela coisa toda... As pessoas faziam aquilo por prazer. Elas tinham prazer, esperavam chegar Sexta-feira⁵⁵ para fazer os tapetes, entendeu? Com o tempo, isso foi mudando, foi mudando, foi mudando. Os turistas também participavam. Aí foi mudando: “Ah, nós não vamos fazer tapete em tal lugar. Nós vamos fazer só de tal lugar para tal lugar”. “Ah, nós vamos fazer só de tal lugar, não vamos fazer mais na Rua Direita, não vamos fazer mais na Rua São José”. “Ah, o pessoal está bebendo muito, está

⁵² Tapetes devocionais que enfeitam as ruas na procissão da Ressurreição na Semana Santa, em Ouro Preto.

⁵³ Rua localizada no centro de Ouro Preto.

⁵⁴ Fundação de Arte de Ouro Preto.

⁵⁵ Sexta-feira da Paixão, quando os tapetes começam a ser confeccionados.

atrapalhando”. Com isso, as pessoas foram desistindo. Hoje, eu percebo que grupos de pessoas de outras áreas vão fazer tapetes em alguns lugares, não é? O próprio pessoal que mexe é que faz com que as pessoas percam aquela força, aquela vontade de fazer. Isso faz com que a auto-estima das pessoas fique baixa porque elas têm um compromisso e querem fazer aquilo e são impedidas de fazer. Então, é transparência, é visão que a pessoa tem que ter para não acabar com as coisas, como estão acabando, não é? A gente também observa... No Sábado de Aleluia havia algumas coisas pela cidade que hoje já não há mais.

Keka Simões – O que tinha, por exemplo?

Ponte Nova – Ah, aquela coisa do Judas⁵⁶, não é? A gente ficava doida para chegar o Sábado de Aleluia, para um baile, para alguma coisa assim. Hoje não... As pessoas já não respeitam muito. Tudo isso vai acontecendo naturalmente, as pessoas mesmas vão acabando com as coisas. É só a gente analisar nós mesmos: às vezes, tem um lugar aonde a gente vai muito e, de repente, começa a se distanciar daquilo ali. Então, acabou, a gente não vai mais, não gosta mais daquele lugar, já perdeu aquela vontade de estar ali. E isso é natural também. É porque alguma coisa ali está distanciando a gente, nos afasta... A gente não é nada, mas às vezes uma palavra ou alguma coisa... Você pode ajudar muito... E aí você distancia, vai viver seu mundo isolado, fica dentro de casa, não vai mais... Eu, por exemplo, confesso uma coisa: há muito tempo não participo mais... Eu gostava de sair, ver à noite o tapete, aquela coisa toda. Hoje, já não faço isso mais. Envolvido muito em coisa de Carnaval também já não sou mais. Por quê? Porque a gente vai vendo as coisas acontecerem e não queremos compactuar com aquilo, com muita coisa que não funciona, que está errada. Então, a gente distancia. E isso está fazendo com que tudo acabe aqui dentro da cidade e estamos perdendo muito com isso.

Keka Simões – Como era a festa junina do Antônio Dias, que você falou?

Ponte Nova – Oh, você tinha, por exemplo, o detalhe das barraquinhas, as quadrilhas, os próprios *shows* da cidade... Tinha um lance que eles colocavam lá, que saía um aviãozinho por cima, uma série de coisas acontecia, convidando as pessoas, até banda, tudo, não é? Hoje, não. Parece que neste

ano não teve na data certa, já mudou de data. Aí, o que acontece? As pessoas ficam ali debatendo, um criticando o outro, jogando pedra no outro: “Ah, Fulano é que vai mexer, Fulano é que não sei o quê”. Isso tudo faz com que as coisas acabem. Aquela coisa tradicional que tinha quando a gente ia... Aquelas barracas com quentão e não sei o quê, você pode ver que até isso eles já estão substituindo por cerveja, por não sei o quê. Quer dizer, vai acabando e a tendência é acabar; a tendência é quem está vindo agora não ter mais nada disso, em um determinado momento. Eu andei quase todo o Brasil, mas não tenho dinheiro, não! Eu ganhava as passagens, sorteios, fui presidente da Associação de Guias durante três anos. Então, no Brasil todo eu participava representando Ouro Preto. Nas reuniões, os guias... Em todo lugar aonde chegava, quando tinha uma apresentação do folclore local, eu arrepiava e pensava: “Ouro Preto tem tudo e ao mesmo tempo não tem nada, não é?” Nas apresentações que mostravam os grupos folclóricos da região, a gente via aquele afinco, aquela vontade das pessoas estarem mostrando as coisas, as danças típicas do lugar. Ouro Preto não tem nada disso, Ouro Preto é a cidade de negro e de cultura, que morreu tudo, tudo morto, não é? Eu também vejo outra coisa aqui. Se a gente for analisar bem... É só ter noção de história e tentar entender um pouco. Agora na Copa⁵⁷, no jogo entre Portugal e Angola, falou-se da expectativa de vida em Portugal – setenta e tantos anos – e em Angola – trinta e poucos anos; falou-se da religião dominante em Portugal – totalmente catolicismo – e em Angola – minoria católica. Se a gente for fazer uma análise do negro no passado, qual era o seu culto dentro desta região, se eles não eram católicos? E por que morreu a cultura dos negros aqui dentro? Porque, como o catolicismo era muito poderoso, vamos dizer assim, tudo foi proibido. A Bahia, por exemplo, é muito diferente daqui, por causa disso. Lá tem os terreiros⁵⁸, lá tem aquelas coisas todas. Em Ouro Preto isso tudo foi morto, apagado, e Ouro Preto tem essa dívida com o passado, não é? A dívida do passado é justamente isto: acabaram com as tradições, foram matando as coisas aqui dentro. Então, isso tudo faz parte da nossa cultura. Não existem os grupos de dança, não tem nada... Quando a gente vê em alguns lugares do

⁵⁶ Malhação do Judas, no final da Semana Santa.

⁵⁷ Copa do Mundo de Futebol de 2006, na Alemanha.

⁵⁸ Terreiros de umbanda e candomblé.

Nordeste, por exemplo, aquelas mulheres de branco, o samba de roda, aquelas coisas todas... Era para Ouro Preto ter esse tipo de coisa. Aqui é cidade de negro, é cidade que teve entre 80 e 100 mil negros. Então, deveria ter algo nesse sentido, não é? A gente vê que a nossa população, não sei se... Parece, no último censo, que em torno de 70, setenta e poucas pessoas se consideram negras, porque a gente é negra, a cidade é uma região negra⁵⁹. Tudo isso foi morto, tudo acabado. O folclore de Ouro Preto, uma pessoa ou outra detém o conhecimento, quase ninguém mais, entendeu? O próprio congado, folia de reis, essas coisas todas. Isso é o quê? É aquela coisa de mesclar o lado afro com o catolicismo. Foram acabando com as coisas. As promessas que eles tinham, as dívidas espirituais que tinham aqui dentro... E aí, quem vai pagar? Pagamos nós agora, não é? Quando a gente fala "Aqui tem uma cabeça de boi enterrada"⁶⁰, tem não sei o que enterrado..." Aqui é tudo negativo, é tudo assim e assado... Mas é mesmo! Já falei, de 80 a 100 mil negros morreram aqui; a sua vida durava de sete a 10 anos, não viviam mais do que isso, não é? E sofreram aqui dentro. Então a gente sabe que algo fica, e isso tudo faz a cidade ser o que é, não é?

[DVD B]

Keka Simões – Ponte Nova, você falou a respeito da herança negra. No passado, muitos negros viveram em Ouro Preto e essa herança cultural se perdeu. Você citou congadas e outros tipos de manifestações. Quem são as pessoas, ainda existentes na cidade, que promovem este tipo de manifestação?

Ponte Nova – Olha, tem até muita gente que ainda mexe nessa área, com o congado, com a própria capoeira e outras coisas mais. Eu não lembro nomes de pessoas. Sei que ali, para o lado de Santa Efigênia⁶¹, tem um senhor que está sempre presente, é uma pessoa que incorpora mesmo o grupo, não é? Algumas pessoas tentam dar vida a esse tipo de tradição que vem morrendo aos poucos, ainda lutam para preservar esta cultura. Vou até lembrar o momento quando Gilberto Gil⁶² esteve presente na cidade: vimos vários grupos

⁵⁹ O entrevistado confundiu-se ao apresentar a estatística: provavelmente ele queria dizer 70% da população.

⁶⁰ Antigamente, as casas de religião afro realizavam a festa do boi, com sacrifício de um touro pequeno. Costuma-se dizer que o local onde a cabeça foi enterrada é um lugar de má sorte ou de azar.

⁶¹ Bairro de Ouro Preto, onde se encontra a Igreja da Paróquia de Santa Efigênia.

⁶² Cantor e compositor. Ministro da Cultura do governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

de congado, folia de reis, muita coisa que estava escondida e que há tempos não circulava pela cidade. Na ocasião, eu até falei assim... Às vezes, eu falo brincando, a gente tem que falar brincando, porque tem coisa em que as pessoas não acreditam, não é? Eu fiz aquele comentário... Gilberto Gil veio a Ouro Preto e encontrou dois prefeitos; não conseguiu circular aqui dentro, ficou de um dia para o outro e logo em seguida foi embora. Ele não conseguiu fazer o que veio fazer. Quando mudou a política, já era outro governo, já eram outras pessoas, ele conseguiu fazer aquilo que deveria ter feito no outro momento. A observação é a seguinte: no momento em que ele veio e conseguiu fazer, ele estava protegido por todos esses grupos e pessoas de raiz – pessoas que têm o “ser” bem apurado, vamos dizer assim, em se tratando do sincretismo, do lado afro, da vontade de estarem ali, dançando, tocando, o que não deixa de ser uma proteção espiritual. Então, isso fez com que ele circulasse pela cidade tranquilamente, conversasse com as pessoas e resolvesse aquilo que ele veio resolver. A gente pôde observar e sentir que esses grupos, realmente, não podem morrer, que têm que estar vivos. E isso tudo faz parte do lado espiritual, da herança do passado que ficou aqui dentro, dessa coisa do sofrimento, não é? Parece que nesse momento eles libertam o espírito, dançando, tocando, cantando. Perto de onde eu moro, tem uma pessoa que, quando bebe, começa a cantar e a dançar pela rua. É negro e, por algumas informações que a gente teve, sempre dançava congado. De repente, ele não faz isso mais. Parece, então, que ele é incomodado, não é? Às vezes, bebe, incomoda as pessoas, aquela coisa toda por quê? Falta de estar participando de alguma coisa nesse sentido. Como as coisas foram acabando, foram morrendo, as pessoas foram distanciando as pessoas desses grupos... Dentro da cidade, você tem aí dois, três grupos; a maioria está nos distritos, onde as pessoas ainda preservam a raiz do congado, da folia de reis, das pastorinhas... O que a gente viu naquele dia que protegeu, praticamente, a estadia aqui do Gilberto Gil... Esse lado espiritual é muito forte aqui dentro e tem que ser observado.

Keka Simões – Esse lado espiritual seria uma forma de purgar ou trazer esses espíritos, essa herança para os dias de hoje? Como é esta questão espiritual?

Ponte Nova – Eu não sei se vocês já observaram, mas quando um desses grupos se apresenta, em alguns momentos a gente olha e sente que as pessoas parecem estar dominadas ali, não é? Às vezes, o suor ou até lágrimas

que descem... As pessoas vestem aquelas roupas de rei ou de rainha, ou coisa assim, e parece que realmente estão vivendo aquele momento. A gente consegue perceber isso, ver tudo com clareza, com aquela visão... Não tendo aquela visão do “eu”, a gente consegue sentir esse lado das pessoas, que elas manifestam a partir do folclore, das danças, do que ocorre na região.

Keka Simões – Quando foi a vinda do Ministro Gilberto Gil? Foi por algum motivo específico?

Ponte Nova – Foi no momento em que assinaram esse convênio da restauração do Museu da Inconfidência⁶³ e outras coisas mais, cerca de uns seis, sete meses atrás. Da outra vez que ele veio, não conseguiu entrar aqui e circular direito: era briga, político brigando, a prefeita e o vice, ambos como prefeito para recebê-lo. Acabou que deu problema e nada aconteceu, ele voltou, foi embora. Nesse outro momento, como tinha uma cidade mais harmoniosa, vamos dizer assim, em que as pessoas estavam mais libertas de alguma coisa, desse lado egoísta, aí conseguiram que ele viesse e fizesse aquilo que ele tinha que fazer, que era trazer algo. Em se tratando dele, como negro, a gente sabe que todos nós temos dívidas, às vezes, com algum lugar, alguma coisa assim. Essa dívida não é o que você tem de pagar; é o seu “ser”, uma coisa neste sentido. E pelas vindas dele aqui, pelo seu caminhar na cidade, a gente viu que ele tem algo a ver com a cidade. Ele tinha que vir, ele tinha que fazer isto aqui dentro. Às vezes, as pessoas falam assim: “Ah, Ouro Preto, não!” Tinha que vir, entendeu?

Keka Simões – Você tocou em uma questão importante que é a questão da política. Você deu o exemplo de um momento de brigas entre o vice-prefeito e o prefeito. Quais são as forças políticas locais? As forças que atuam hoje são as mesmas da época de sua adolescência ou de quando era mais jovem? Como se dá a questão política na cidade?

Ponte Nova – Oh, eu vejo uma cidade que necessita de político com conhecimento. Não é conhecimento no sentido de coisa... É um conhecimento do povo que está aqui dentro. Eu vejo que tem que ter pessoa que trabalhe com o povo que mora na cidade, que é o maior patrimônio que está sendo destruído. A gente anda pela cidade, ouve, quando participa das coisas a gente

⁶³ Em janeiro de 2004, o Ministro da Cultura Gilberto Gil, juntamente com outras autoridades, assinou o contrato de reformulação do Museu da Inconfidência.

vê, não é? Tem uma corrente política que já vem aí há uns 30 anos. Sai um, entra outro, e acontece dessa forma. Essas pessoas já estão viciadas no cargo, no poder, vamos dizer assim. Então, o que acontece é que a direção política delas é sempre a mesma, não muda, e o povo de Ouro Preto é tratado da mesma forma, sempre colocado em terceiro plano. Eu acho o seguinte: como a nossa cidade é uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, que recebe o mundo inteiro... Não é só para ver esta capa que está na área central; tem que ter os morros da cidade, onde mora o povo que, em alguns momentos, foi expulso da área central por não ter condições financeiras de estar vivendo ali. Foi expulso e hoje mora nos cantos, nos morros da cidade, não é? A gente vê que falta muita coisa para a comunidade, para o povo. Como a nossa cidade é uma cidade com herança do colonialismo, quando se proibia conhecimento, não podia ter conhecimento, a gente sente que as pessoas que têm na faixa de 40, 50 anos, que não estudaram... A culpa não é delas, a culpa é da administração; é uma coisa que vem da cultura antiga: “Para que você vai estudar? Você vai trabalhar para ajudar em casa, você vai...” Eu conheço pessoas nessa faixa de idade com quem converso sobre esses assuntos. Os pais da gente, por exemplo, qual era o grau de instrução deles? Naquela altura, não tinha o que tem hoje, não é? Então, não é culpa delas. Eu não tenho que chegar com doutorado e mestrado e fazer com que as pessoas vivam aquilo que eu quero que elas vivam. Não é assim! Eu não tenho que chegar aqui e exigir que as pessoas tenham aquilo que eu quero que elas tenham de um dia para outro. Não é assim! E o “ser” delas, como cidadãs? A gente tem que tentar entender que ali tem um ser humano. A política ouropretana, para ser melhor, tem que mudar a forma de ser com o povo da cidade, não é? Então, gera estas conversas que a gente ouve: “Péssima mãe, boa madrasta”, não sei o que e tá-tá-tá. “Porque as pessoas da cidade não estão preparadas com canudo⁶⁴ para assumir determinadas funções. Então, eu tenho que trazer gente não sei de onde...” E aí ficam falando: “Ah, é só gente de fora, o pessoal daqui está descartado”. Por quê? É a forma de fazer política desse povo. Essa forma, com relação ao povo ouropretano, não é correta. Eu acho que tem que enxergar a comunidade, as coisas que beneficiam a comunidade, coisas de que a comunidade gosta e que são, às vezes, proibidas. Como a gente falou há

⁶⁴ “Canudo”, neste caso, significa diploma de curso universitário.

pouco sobre o Carnaval, sobre tirar o Carnaval do centro histórico, não é? Se a cidade é histórica, é uma cidade antiga, e desde as décadas de 1960, 1970, era Carnaval na Rua São José, onde o povo andava ainda de terno xadrez, de chapéu, de bengala, aqueles carros, aquela coisa toda. E o povo de Ouro Preto freqüentava esses lugares. Hoje, se o Carnaval de Ouro Preto sair do centro histórico e for, por exemplo, lá para a Fábrica de Tecidos⁶⁵, o povo de Ouro Preto não vai. O turista que vem a Ouro Preto para ver Carnaval quer ver Carnaval no centro histórico. O que ele vai fazer lá do outro lado? Se ele quiser um Carnaval... Vai para o Rio de Janeiro ou Bahia, entendeu? Então, tem que entender que isto aqui é uma cidade, que tem que estar mobilizado com a comunidade, tem que envolver a comunidade. E eu acho que está muito distante da comunidade. É muita enganação, as pessoas enganam, são treinadas, preparadas para enganar, para chegar à frente do microfone e falar para o povo, enganar o povo, entendeu? Eu sou muito crítico, tenho minha visão política, gosto de ver política... Inclusive, primeiro procurei entender quem passou aqui dentro: por que isto é o que é? Quem foram as personalidades que passaram aqui? O que elas queriam? Será que queriam o povo? Será que queriam o ouro? O que queriam aqui dentro? Queriam separar o Brasil de Portugal? Ou queriam só este pedaço que tem tudo? Ou estavam interessados na riqueza, que é ouro, que são as gemas, que é isto, que é aquilo? Entendeu? A gente começa a ver que as pessoas querem “ter”. Quando assumem, quando estão nesta região, querem ter; todo mundo quer ter dinheiro, e aí esquece a comunidade. E o povo da cidade está ficando... Isso é uma herança de 300 anos, quando chegaram os portugueses, quando dominaram, quando colocaram estas igrejas todas aí dentro, estas irmandades. As intenções eram ouro, e não povo. Naquela altura, o povo foi descartado. Hoje, século XXI, eu sempre me pergunto: “O que mudou? Acabou a escravidão ou continua o escravo aí, não é?” A gente começa a ver que não mudou nada, continua tudo do mesmo jeito. E parece que as pessoas, que têm conhecimento daquilo, entram e continuam fazendo aquilo que é errado, mas que para elas é certo. Em se tratando da comunidade no geral, do povo, é errado. Então, fica aí uma cidade com a auto-estima da comunidade baixa, não é? A gente não vê muita participação das comunidades. Tem que ter, tem que ter! Eu até acho que uma

⁶⁵ Localizava-se na região do Tombadouro, em Ouro Preto.

cidade como a nossa, que tem uma Universidade⁶⁶... Esta Universidade deve muito a Ouro Preto e acho que se deveria utilizar a Universidade com as comunidades, para transmitir, por exemplo, o como construir... Nós temos aqui Engenharia Civil, não é? Na parte de educação, na parte de saúde, em todos os aspectos... Tirar o povo da sala de aula, tirar das repúblicas⁶⁷ e conviver com a comunidade – isso também faz parte da formação da pessoa. Não é só chegar ao lugar todo bonitinho, vir por cima e depois ir embora. Aí vem dona Olympia Cotta⁶⁸ – quando passou por Ouro Preto e vivia nas repúblicas – que dizia: “Lá vai Ouro Preto embora, todos bebem, mas ninguém chora. Em Ouro Preto só não bebe o sino que é de boca para baixo”. Por que ela dizia isso? Por causa dos estudantes, das repúblicas, aquela coisa toda. Por que estou misturando, estou falando de política, estou colocando essa coisa toda? Porque a gente sente e vê que a cidade é carente deste tipo de coisa. A cidade é um para si e Deus para todos. Então, tem que ter esta parceria, tem que ter essa união: quem sabe mais ajudar as outras pessoas. É uma coisa que precisa se fazer aqui dentro. Há poucos dias – se não me engano domingo – eu vi a reportagem de um menino que é campeão de Matemática. Uma só coisa dele bastou para mim. Todo mundo queria levá-lo para as escolas de Primeiro Mundo e ele falou: “Não, eu vou ficar na minha comunidade, vou ensinar os amigos”. Para mim, isso aí foi tudo! Ele fica na comunidade, ensina os amigos, depois vai ser lá aquilo que ele quer ser. O menino tem 14, 15 anos, lá do Nordeste. Eu vi isso em um programa no domingo; não lembro o nome, eu vejo as coisas e não gravo muito... O importante para mim é aquela coisa da ação, e não gravo muitas datas e nomes. Mas eu gostei disso que ele fez. É a gente apoiar os que não têm conhecimento. Então, eu acho que Ouro Preto tem que mudar essa linha, essa visão política. Se a gente está em Ouro Preto e vai para Mariana, por exemplo, a gente sente uma diferença muito grande. Parece que Mariana é mais alegre, Ouro Preto mais triste. Por quê? Por causa do passado daqui, violento, de muito sangue, de muitas promessas não cumpridas, não é? Pessoas para quem você não dava comida, dava cachaça...

⁶⁶ Universidade Federal de Ouro Preto.

⁶⁷ Moradias estudantis.

⁶⁸ Também conhecida por Sinhá Olympia, nasceu em Santa Rita Durão, distrito de Mariana, em 1889, e morreu em Ouro Preto, em 1976. Era comum vê-la andar pelas ruas de Ouro Preto com um cajado na mão, flores no chapéu e saias extravagantes.

E aí vêm estes grupos das bombonas, das esquinas, que a gente tem nos morros...

Keka Simões – Grupos das...?

Ponte Nova – A gente chama de grupo de bombonas – pessoas que moram nos bairros, às vezes até de periferia, que bebem o dia todo, não têm nada para fazer, só bebem. Então, a gente vê que precisa de política, ação política no sentido da origem da palavra política – pessoas que surgem para ser líderes, para fazer para os outros. Falta isso. Ninguém está fazendo isso. A maior parte das pessoas – que me desculpe até quem for meu amigo na política e ouvir isto... Falta o “ser” de cada um, para que a coisa mude aqui dentro. Eu sou muito crítico, viu? Ainda mais em se tratando de política. A revolta que tenho ao ver como as coisas acontecem aqui dentro, sabendo que tem solução, que há condições... Mas a maior parte das pessoas só vê problemas, não vê solução, não é?

Keka Simões – Ponte Nova, você falou da questão do conhecimento, de passar o conhecimento, que é muito importante. Você tem filhos? Eles estudam?

Ponte Nova – Tenho dois.

Keka Simões – Em termos educacionais, você acha que hoje é diferente do que você passou? Você parou de estudar, voltou...

Ponte Nova – Eu cobro deles o contrário. Eu falo assim: “Vocês estão me vendo? Sejam além de mim, não sejam como eu. Quando eu errar, não errem, façam o certo. E outra coisa: enquanto eu tiver condições de fazer algo, vou fazer algo para vocês, vou dar condições para vocês estudarem, terem conhecimento, educação; o resto, não é comigo. Não esperem de mim dinheiro nem herança, que eu não deixo, não vou deixar e não vou ter. Eu não quero ter nada”. Então, eu quero que eles sejam seres humanos. Eu sei que é difícil, porque cada um de nós é diferente, cada um com seu cada um, não é todo mundo igual. Mas cobro deles que andem para frente, que estudem. Eu até moro em uma área de periferia... A visão das pessoas: “Ah, é área de periferia e tal...” Eu vejo lá outras pessoas, outros meninos, a situação em que vivem. Até tento fazer algo, mas não tem como. Primeiro, eu não vou conseguir nunca, ainda mais sozinho; segundo, a gente vê que as pessoas aqui só sabem discriminar. Qualquer erro que a pessoa cometeu, ela vai ser incriminada;

ninguém a olha como ser humano, mas como bandido, como marginal, não é? Às vezes, quem cria o bandido é a gente. O bandido e o marginal, nós os criamos nas nossas ações, quando a gente discrimina, quando não abre as portas, quando não conversa, não ouve. Então, a gente está transformando aquela pessoa... Depois vai se transformar naquilo que a gente está vendo acontecer em São Paulo⁶⁹. Por que isso? Um tem tudo, o outro não tem nada. Analisando o capitalismo: um na frente e um monte correndo atrás, pedindo um pouco, não é? São situações complicadas... Muito ser humano, muitas pessoas não têm culpa de não ter estudado, não ter conhecimento. A gente sabe que é muito mais vantagem – entre aspas, falando da política atual do país – o investimento de 100 milhões para a construção de presídio do que para a educação. Se eu estou construindo presídios hoje é para prender as crianças... Estão construindo presídios para frente, para prender as crianças de hoje, está certo? Se a educação está ruim, estes meninos que estão vindo hoje vão ser no futuro o quê? Então, você vai enchendo a cadeia de preso, e no dia em que isso explodir? Quem vai segurar? Pessoas às vezes inocentes... Não têm, assim, tanta coisa, mas acabam dançando⁷⁰. E o ser humano tem uma forma de ver as pessoas assim... Você transforma a pessoa, você cria a pessoa. Você olha para uma pessoa e fala: “É bandido”. E assim vai. A educação é que é o mais importante. Tem que investir na educação e sem medo! Se as pessoas, se os políticos que nos representam querem realmente consertar o país, têm que investir na educação. Dar condições para que as pessoas tenham conhecimento, usar as escolas nobres, ricas, pegar os alunos melhores para ajudarem nas escolas onde o pessoal não tem conhecimento; fazer palestras, criar uma integração para que as pessoas conversem sobre jogos, sobre tudo, porque quando elas se encontram são dois mundos diferentes: um está em berço de ouro e o outro está lá na coisa, entendeu? Fazer com que essas pessoas se encontrem, conversem, porque assim pode melhorar muito para todo mundo. Eu acho que falta isso tudo, não é? Eu, que sou uma pessoa que não me formei, que não estudei, não agüento muito sala de aula. Eu não agüento ficar... Às vezes, chego à sala de aula e aquilo ali não anda. Você sente que a pessoa que está ali talvez não esteja com vontade de fazer aquilo;

⁶⁹ Refere-se às ondas de violência ocorridas em 2006, no estado de São Paulo.

⁷⁰ A gíria “dançando”, neste caso, significa se prejudicar, se dar mal.

ela está mais preocupada com o salário mínimo, com o salário que não aumenta, e está se esquecendo de ser professor. Acontece isso também. Eu, no bairro onde moro, procuro ser parceiro das duas escolas: nós temos uma escola para meninos até 10 anos e outra que tem até a oitava série e...

Keka Simões – Qual o nome das escolas?

Ponte Nova – Escola Municipal Isaura Mendes. Eu procurei a diretora e tenho ido à escola, tenho conversado. No primeiro momento, a escola estava parecendo um presídio: grade para todo lado. Falei para ela: “Isto não é uma escola, isto é um presídio! A escola está toda suja, toda...” Então, em parceria, nós cobramos da Prefeitura e agora está terminando uma reforma na escola. Ainda não vi como ficou, mas espero que fique boa a reforma, para que os alunos, pelo menos, tenham vontade de estar dentro da sala de aula. Quando eu entrei na sala, aquilo não era sala de aula! Agora espero que, realmente, tenha transformado aquilo em uma escola, para que as pessoas tenham vontade de ficar ali. Quando houve também aquele problema da república com a igreja, aquele negócio da Semana Santa⁷¹, eu tive contato com alguns alunos, algumas pessoas de repúblicas e tal. Eles foram ao bairro, a gente estava fazendo um evento, nós conversamos e eu propus a eles, caso fosse possível, que dessem um cursinho pré-vestibular, na escola, para o pessoal que tem segundo grau e que não estava estudando. “Ah, mas já tem!” Tem lá na Bauxita; o bairro da Piedade é do outro lado, as pessoas trabalham, fica longe, complicado. Então, a gente conversou e eles estão estudando isso, junto até com o reitor⁷². Eu espero que aconteça e que seja o início da transformação da educação na cidade: as pessoas que têm um pouco distribuindo um pouco de conhecimento. Não precisa de mais nada; é só ir lá e orientar essas pessoas, para ver se a gente consegue mudar esta coisa de que só cinco, dois, não sei quantos por cento da comunidade está na universidade, para que mais pessoas da cidade entrem para a universidade, não é? Talvez o que eu esteja falando possa ser muita coisa, mas é o que tem que ser feito, porque senão vai ter sempre esse distanciamento. Com brigas e brigas e brigas nada vai ser resolvido. Para resolver as coisas, a solução é a união. Se

⁷¹ O entrevistado refere-se a um conflito ocorrido entre a república universitária Pif-Paf e os fiéis que estavam em uma procissão, durante as festividades da Semana Santa, em 2006.

⁷² Reitor da Universidade Federal de Ouro Preto, Professor João Luiz Martins.

a gente une, se cada um faz a sua parte, eu tenho certeza de que a gente consegue resolver parte dos problemas. E lembrando também que nossa cidade está se tornando um foco, vamos dizer assim, pesado de drogas. Então, é necessário todo mundo dar as mãos e trabalhar junto com as comunidades. Ninguém proíbe ninguém de nada, não tem como proibir, a gente sabe que cada um é cada um. Deus deu a vida a cada um para que cada um vivesse a sua vida, não é isto? Mas eu acho que nós podemos contribuir – quem tem um pouco mais de experiência, um pouco mais de sabedoria – para que os outros não entrem em determinados caminhos, para que tenham uma direção. Acho que gente pode fazer isso, todos em conjunto.

Keka Simões – Ponte Nova, você falou do bairro onde mora, o bairro da Piedade, que é um bairro de periferia, afastado. Mais ou menos quando houve essa explosão urbana, vamos dizer assim, de Ouro Preto? Quando houve este aumento de bairros? E quais seriam os motivos para essa expansão?

Ponte Nova – Teve um momento, em Ouro Preto, quando a gente olhava a cidade e ela não tinha nada. Hoje, da década de 1980, 1970 para cá, a gente vê que tem muita coisa. Veja bem: quando a ALCAN, por exemplo, fica forte (e outras mineradoras na região), vem gente para trabalhar, não é? A notícia se espalha e vem gente de Piranga⁷³, de várias cidades vizinhas... Tem muita gente até de Piranga aqui na região de Ouro Preto. Se as pessoas vieram trabalhar e se não houve uma parceria das mineradoras com o município, para criar uma área urbanizada onde essas pessoas pudessem morar, a solução encontrada por elas era: “Ah, vou lá no morro”. Chegavam ao morro, cercavam esse pedaço e construía; cercavam outro pedaço e construía. Esse crescimento praticamente surge entre 1970 e 1980. Aí vêm Vila Aparecida, Veloso⁷⁴ e outros lugares mais. Alguns lugares têm até capelas de 200 e 300 anos; no nosso próprio bairro, Piedade, a capela tem 300 anos⁷⁵, é de 1700 e pouco, está entre as antigas capelas da serra do Ouro Preto. E a gente vê que todas as casas são novas, casas de 20 anos, 10 anos, 15 anos e tal. Então, com essa expansão da mineração, vem junto esse crescimento, essa coisa da urbanização, da moradia. E até então ninguém tinha pensado nisso. Quando

⁷³ Município de Minas Gerais.

⁷⁴ Bairros periféricos de Ouro Preto.

⁷⁵ Capela de Nossa Senhora da Piedade.

eu faço a crítica ao Patrimônio, é justamente por isto: não houve política de urbanização naquele momento; então existe tudo isto. Por que hoje eu chego e só digo “não” e muito e não converso com as pessoas? A pessoa que representa o Patrimônio tinha que chegar à televisão, no rádio e conversar com a comunidade. Ninguém sabe quem é representante do Patrimônio, entendeu? São coisas em relação às quais fica aquela confusão toda que a gente vê na Praça, a minoria brigando com relação ao negócio de Patrimônio... Mas tem tudo isso por trás, o momento em que as pessoas chegaram, construíram e ninguém falava nada, entendeu? Ninguém estava nem aí. Então, a cidade virou o que virou. Agora, tem que ter jogo de cintura para tentar resolver o que está aí.

Keka Simões – Ponte Nova, existe algum fato que você guardou na memória, relacionado à sua atividade como guia de turismo? Alguma coisa triste ou alegre?

Ponte Nova – Várias coisas aconteceram e eu, talvez, não lembro muito e tal, porque cada uma é em uma situação. Por exemplo, vamos para o lado de uma coisa que eu me lembro, assim, mais negativa. Eu recebi uma pessoa para trabalhar na cidade... Eu trabalhei durante oito anos para a Ouro Preto Turismo. Enquanto sentia vontade de vestir a camisa da empresa, eu trabalhei com ela; a partir do momento em que não me entenderam, resolvi não trabalhar, não quis trabalhar mais para a empresa. Eu recebi uma senhora que... Eu achei que ela tinha bebido muito, começou a falar francês comigo, eu falei: “Ah, eu hein? Não falo francês...” E ela era brasileira. Comecei a fazer um *tour* pela cidade e falei com o motorista, que era até muito amigo meu: “Você fica perto de mim, porque tem alguma coisa estranha com esta mulher”. Quando nós fomos almoçar, ela tira um negócio do bolso, abre e toma 10 comprimidos tarja preta⁷⁶. Aí eu já comecei a ficar com medo e falei: “Nossa mãe! Esta mulher vai suicidar e vai morrer comigo. E isso não pode ser bom, não”. Saímos, fomos visitar e ela pára em uma farmácia, onde pede novamente aquele remédio que tinha tomado. Falei: “Ih! Agora que não vai ter jeito mesmo”. E o farmacêutico acreditou nela! Aparência nobre, ouro no braço, aquela coisa toda, loira... Ele falou: “Ah, então tá”. E vendeu o tal comprimido. Ela abriu na frente do farmacêutico e de novo tomou. Eu falei: “Nossa mãe!

Agora não tem jeito mais!” Aí descemos, fomos visitar a igreja e tal. Nisso, ela falou que queria tomar chá. Eu a levei a uma lanchonete e falei: “A senhora senta aqui. Vou fazer um chá que é espetacular!” Desci à Casa de Gonzaga⁷⁷ onde tinha um boldo do Chile. Peguei aquele negócio, esfreguei, fiz um copo de chá bem grosso – os antigos sempre falam que o boldo bota qualquer coisa para fora, não é? –, um copão daquele boldo, levei e falei com o motorista: “Eu vou dar para ela um copo de boldo. De repente, você vai ter que parar no caminho”. Ela tomou aquele copão de boldo, entrou no carro e foi embora. No caminho, ela parou e colocou tudo para fora. Quando chegou a Belo Horizonte, já tinha um carro, médico, não sei o quê, todos esperando para internar. A mulher queria realmente suicidar, e queria suicidar aqui e comigo ainda! Como guia, eu ia ficar... Graças a Deus, a gente conseguiu dar uma força para que ela não suicidasse. Esse é um fato e outros também já aconteceram. Por exemplo, já aconteceu de receber um grupo: a pessoa chegou, desceu do carro, voltou para o carro, foi embora e não visitou a cidade. E já aconteceu...

Elodia Lebourg – Por quê?

Ponte Nova – Ela não explicou, só chegou, desceu e foi embora: “Não vou visitar esta cidade”. Não sei por qual motivo, não quis explicar. A gente deduz que seja algo dela, do seu ser que podia estar... Sei lá, alguma lembrança... Então, foi embora e não visitou. Outras pessoas choram muito; entram em uns lugares e choram demais. Ou quando entram nas igrejas ou quando vêem alguma coisa assim... Às vezes, a gente está falando e vê que a pessoa chora. São pessoas sensíveis que, de repente, têm alguma ligação espiritual, alguma coisa nesse sentido. Talvez, nem saibam, mas têm. Também há pessoas que viajam, que têm problemas e se encontram com a gente... Naturalmente, sem saber, trabalhando como guia – no meu caso, aconteceu muito –, a gente consegue conversar com as pessoas sobre assuntos que ela jamais conversaria com outras pessoas e, de repente, dar uma força para ela. As coisas vão acontecendo naturalmente. Depende do preparo espiritual de cada um de nós. Os antigos não diziam “assombração sabe para quem aparece”? Sabe mesmo, ela não aparece para qualquer um.

⁷⁶ Remédios vendidos exclusivamente com receita médica, para controle do uso.

⁷⁷ Atual Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, localizada no Largo do São Francisco de Assis.

Keka Simões – Você tem alguma lembrança do trem, da Estação funcionando?

Ponte Nova – Uma das minhas lembranças do trem é quando ele trazia o cimento para Ouro Preto. Todo cimento de Ouro Preto vinha por vagões que paravam aqui, e a gente os descarregava. Se não me engano, eu era menor de idade nessa época e descarregava os vagões do trem. Queimava as costas, porque saía aquele saco de cimento quente. Descarregava os vagões, passava para alguns caminhões e levava lá para o Sívio Elias – Sívio Elias era o homem forte do comércio daqui. Outras coisas mais que vinham de trem a gente descarregava, colocava no caminhão e ia lá para cima. A gente também brincava muito na Estação, pulava nos vagões... Como aqui circulavam muitos vagões de minério, e era menino, aí eu pulava nos vagões, descia até Mariana, descia na linha, ficava correndo atrás do vagão. Não era só eu, era um grupo muito grande. Muita gente fazia isso, muitos ainda vivos. A gente subia no trem, nessa linha que vai para Mariana, e ia até Barro Branco⁷⁸; chegava e depois ficava pedindo carona para voltar. Naquele tempo de menino, andava por essa linha para todo lado. Eu até gostava muito da buzina do trem – seis horas da manhã, era o relógio despertador – principalmente quando ele vinha de lá. Se a gente estava do lado de lá ouvia, e se estava do lado de cá, também ouvia quando estava chegando aqui; sempre ouvindo a buzina do trem, não é? Acordava e sabia se a gente estava atrasada ou não, porque o trem não errava e passava praticamente todo dia naquele horário. Às vezes, a gente encontrava aqueles carrinhos da⁷⁹... Brincava com aquele negócio, ia andando aí para cima e tal. Mas tudo idéia de menino mesmo... A gente ia brincando nos trens, naqueles carrinhos. De outra vez... Aqui ao lado tem um balcão⁸⁰, parece uma agência de carro, um negócio assim. Ali por perto tem uma área onde ficavam aqueles carros, na garagem. Nós entramos na garagem, ligamos o carro e... Isso foi no momento em que a linha aqui já estava, praticamente, sendo extinta, e ali ficavam os carros e outras coisas. Um dia, eu e um colega... Ele apertou o negócio lá e o negócio funcionou. Eu falei: “Ah, esse negócio vai andar aí e coisa e tal”. Ligamos, depois desligamos,

⁷⁸ Distrito de Mariana.

⁷⁹ Troles, carros de apoio da ferrovia para conserto e conservação de estradas de ferro.

⁸⁰ No pátio da Estação Ferroviária de Ouro Preto.

saímos correndo e fomos embora. Coisa de menino. Eu tenho muitas lembranças do trem. Outra coisa, a gente ia muito ao Capoeirão⁸¹. Aquele restaurante que tem ali na frente já existia na época. Normalmente, era o lugar onde a gente almoçava. Também no meu tempo de menino, andei fazendo algumas artes⁸² pela Estação. Faz parte, não é? Por isso eu falo: a gente esqueceu que foi menino e hoje quer jogar pedra nos meninos, quer proibi-los de tudo. Não é bem assim. A gente tem que educar, falar que não pode e tal, mas tem que saber...

Keka Simões – Quando vocês subiam nos vagões, isso era escondido, não é? [riso]

Ponte Nova – Escondido, uai⁸³! [riso]

Keka Simões – Já pegaram vocês alguma vez?

Ponte Nova – Não pegavam porque a gente já calculava tudo, uai! [riso] Por exemplo, o trem parava aqui e ia lá para frente; nós íamos andando despistados, pulávamos lá dentro, nos escondíamos no meio do minério. Eles não sabiam, ninguém olhava. Aí, pelo caminho afora – eram muitos carros, não é? – a gente descia correndo e tal. A gente olhava assim, sabia que eles não iam ver e pulava lá para dentro. Ih! Várias vezes! Eu fui conhecer Mariana de trem e escondido. Foi uma parte boa da vida. Então, a gente já fez arte na linha e no trem também, não é?

Keka Simões – No seu entendimento, o que o Trem da Vale e o Programa de Educação Patrimonial podem representar? Como você vê isso? Você tem notícias?

Ponte Nova – Olha, eu vejo como uma integração das duas cidades. É uma forma até de melhorar o conhecimento das comunidades, em se tratando de patrimônio. O que a Vale⁸⁴ oferece, como este circo, estas oficinas, são coisas muito importantes. As pessoas das escolas, principalmente os estudantes, tendo condições de participar, de ver, a história... Como o trabalho que vocês estão fazendo, ele é muito interessante porque as pessoas vão ter uma noção diferente. Quando não existia o trem, não existia nada, isto aqui era vazio.

⁸¹ Conjunto de casas onde atualmente funcionam a Pousada Nossa Senhora Aparecida e o Restaurante Manjuba, em frente à Estação Ferroviária de Ouro Preto.

⁸² No sentido de fazer algo proibido, errado, fazer bagunça.

⁸³ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

⁸⁴ Fundação Vale do Rio Doce de Habitação e Desenvolvimento Social, responsável pelo Trem da Vale.

Hoje, existe o trem, existe a Estação, e as pessoas podem vir, podem ver algo que não puderam presenciar ao longo da vida. Eu acho que é uma coisa muito importante e interessante tanto para Ouro Preto quanto para Mariana. Essas duas cidades têm uma dívida, têm que caminhar em parceria, e não isoladas. São duas cidades que surgem praticamente no mesmo momento, com as mesmas intenções. Nasceram juntas; então, têm que ser unidas. Não pode ser aquela coisa: “Minha cidade é melhor do que a outra”. Não existe isso, toda cidade é cidade. Então, tem que ser feito esse entrosamento humano, para trabalhar isto.

Keka Simões – Elodia, tem alguma pergunta que você queira fazer?

Elodia Lebourg – Não.

Keka Simões – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não, não.

Keka Simões – Ponte Nova, existe alguma coisa que eu não perguntei, ou que esqueci, mas que você gostaria de falar, de deixar registrado sobre sua vida ou sua cidade?

Ponte Nova – Eu vou falar de três pessoas que me marcaram e que, em se tratando até do lado histórico, foram importantes para a cidade. Nas minhas colocações como profissional da área de turismo, eu sempre lembro essas pessoas, porque são esquecidas aqui dentro e, queiram ou não, fizeram muito por esta cidade. Uma: Jair Afonso Inácio⁸⁵. Eu até conheço muito a Zinha⁸⁶, que agora mora em Itabirito⁸⁷. São pessoas que... Ele fez muito por esta cidade e a cidade não fez nada por ele, não é? Este nosso patrimônio, estas igrejas que estão aí recuperadas devem muito ao Jair. No seu tempo, quando aqui passou restaurando, ele teve a preocupação de recuperar obras de Aleijadinho⁸⁸, uma série de coisas. Quem tiver interesse, ou achar que resgatar esta personalidade é interessante... É interessante resgatá-la, porque ele fez muito por isto aqui e deixou só cinco diplomas na cidade, não é? Cinco pessoas têm diploma dele. Foi ele quem recuperou a Igreja do Pilar, recuperou o Antônio Dias⁸⁹, recuperou o São Francisco⁹⁰, e foi um dos maiores

⁸⁵ Restaurador ouropretano, primeiro professor de restauro da Fundação de Arte de Ouro Preto. Faleceu precocemente em 1982.

⁸⁶ Viúva de Jair Inácio.

⁸⁷ Município de Minas Gerais.

⁸⁸ Cognome de Antônio Francisco Lisboa, considerado o mais importante artista do Barroco mineiro.

⁸⁹ Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, localizada no bairro do Antônio Dias.

estudiosos de Aleijadinho que passou por aqui. O mais importante dele, do seu ser, da sua pessoa, foi que, com muito esforço, aprendeu inglês no cinema. Estava tentando aprender o francês, depois foi convidado para ir para a Bélgica⁹¹, onde ficou um ano e dois meses, restaurou um quadro do Rubens⁹² e voltou falando sete línguas. Foi uma pessoa muito importante para Ouro Preto e é esquecido; ninguém fala. É um lembrete, não é? Morreu no muro das Lages⁹³, olhando para Igreja São Francisco de Assis. Por coincidência, passei nas Lages no dia em que ele estava morto no muro. Se não me engano, isso foi em 1982. Eu tenho gravada na minha memória a imagem dele deitado naquele muro; quando chegaram, ele estava morto. Outra pessoa que eu acho que foi muito importante aqui... Se bem que está muito pelo lado da... A gente sabe que, se a pessoa não tem nada e coisa, ela não vai ser lembrada, não é? Mas é o Bené da Flauta⁹⁴, que morava em uma região do Morro da Queimada⁹⁵. Uma frase dele eu uso muito e diz: “Assim sim, mas assim também não. A vida é mesmo assim, quem é muito no começo, chora saudades no fim”. O Bené da Flauta também circulou pela cidade de Ouro Preto, envolvendo-se com estudantes e tudo. É outra figura que deveria ser homenageada na cidade. A Olympia Cota, sem comentários, não é? Já foi homenageada pela Mangueira⁹⁶. A gente vê que até algumas coisas acontecem com o nome, em homenagem... É tudo merecido, porque são pessoas cuja missão talvez fosse esta de andar para baixo e para cima, como foi o caso da Olympia. E do Jair e do Bené – fazer o que eles fizeram. Então, eu acho que tem que resgatar a memória dessas pessoas; deveria ter um museu, alguma coisa que contasse a história desse pessoal. Bom, são estas pessoas e... Tem mais alguma pergunta? É melhor responder. [riso]

Jason Santa Rosa – E sobre a cidade? Sobre Ouro Preto como uma cidade que tem que ter respeito e uma cidade com a qual você aprendeu? Quer dizer, uma visão sua da cidade de Ouro Preto.

⁹⁰ Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

⁹¹ *Institut Royal du Patrimoine Artistique/IRPA*, na Bélgica.

⁹² Peter Paul Rubens, pintor alemão, representante do estilo Barroco, que viveu entre os séculos XVI e XVII.

⁹³ Muro de divisa no bairro das Lages, que permite que do local se visualizem vários pontos turísticos da cidade, como o Museu da Inconfidência, a Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias.

⁹⁴ Artista popular que viveu em Ouro Preto até os anos 1970.

⁹⁵ Localizado em Ouro Preto, próximo ao bairro Santana.

⁹⁶ Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro.

Ponte Nova – Uma visão minha da cidade de Ouro Preto. Mais ou menos dentro do que a gente já comentou, eu tenho um afinco, uma... Não sei o que posso dizer sobre esta cidade... Tanto que eu já tentei sair daqui e não consegui. Parece que tenho algo a cumprir aqui dentro e... Tem coisa que a gente não sabe, não é? Para falar de Ouro Preto... Eu olho para esta cidade... Quando ando, paro em algum morro, em algum lugar e penso assim: “Deus me deu o maior presente do mundo: me colocar dentro de uma cidade que, ao mesmo tempo, é minha escola e me ensina”. Cidade onde pisaram Tiradentes, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga, Tomás⁹⁷ e outros mais; cidade que faz parte da História do Brasil; cidade onde sangue rolou para todo lado, não é? A gente sabe que por ganância, aquela coisa do “ter”, muita gente morreu, muita coisa ruim aconteceu por ganância, não é? Cidade que teve um movimento como a Revolta de Vila Rica⁹⁸, com muitas mortes... E pessoas que a gente pensa que queriam o bem, mas o bem para elas mesmas, não é? Nós tivemos a Inconfidência Mineira e outras coisas mais. Falar da cidade não é um minuto. Eternamente você vai falar disto, porque é muita coisa que tem aqui dentro. Se for falar da história, do que aconteceu, é muita coisa! Eu acho que Ouro Preto é mais até do que eu gostaria de dizer. Muito mais! Eu não sei nem dizer o que é esta cidade; é muito mais do que eu imagino. Eu tenho amor por essa cidade. Talvez eu seja uma pessoa apaixonada por Ouro Preto. Não consigo sair daqui, não consigo viajar; se eu for para Belo Horizonte, eu quero voltar, eu não consigo... Eu sinto algo muito forte dentro desta cidade; é uma coisa que me marca. Como sou muito curioso, fico olhando as coisas e tal... No dia em que... Até foi feito um trabalho na Câmara⁹⁹... Quando cheguei lá e vi... Cláudio Manoel da Costa era o Presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto em 1789, justamente o ano em que ele apareceu morto. Por que ele morreu? Morreu porque talvez fosse o cara que quisesse melhorar alguma coisa, ou entregar algumas coisas erradas que estavam acontecendo aqui dentro. Então, eliminaram-no, “queima de arquivo”, coisas que a gente vê acontecer. Quando vejo esses personagens da história, algumas poesias... Eu gosto de poesia,

⁹⁷ O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Cláudio Manuel da Costa, José Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga foram alguns dos participantes da Inconfidência Mineira, ocorrida em Ouro Preto (então Vila Rica) em 1789.

⁹⁸ Sedição de Vila Rica, em 1720.

⁹⁹ Câmara Municipal de Ouro Preto.

gosto de ver, gosto de tentar entender algumas poesias, até do próprio Tomás. São coisas que mexem com a gente. O próprio Tomás Antônio Gonzaga naquela **Lira 37**... Pelo entendimento da poesia, parece que ele vem pelas Cabeças até chegar à Ponte do Suspiro, quando ele fala: “Toma de Minas a estrada / Na Igreja Nova, a que fica / Ao direito lado, e segue / Sempre firme a Vila Rica. / Entra nessa grande terra, / Passa uma formosa ponte, / Passa a segunda, a terceira / Tem um palácio defronte. / Ele tem ao pé da porta / Uma rasgada janela, / É a sala¹⁰⁰, de onde assiste / a minha Marília bela”. Em que lugar a gente vai ver isso? Isso vai acontecer aqui, não é? Uma coisa de que eu gosto muito também é aquele soneto de Cláudio Manoel da Costa¹⁰¹, porque ele transmite o que a pessoa quis dizer antes de morrer: “Se os poucos dias, que vivi contente, / Foram bastantes para o meu cuidado, / Que podes vir a um pobre desgraçado, / Que a idéia desse mal não acrescente! / Aquele mesmo bem que me consente, / Talvez propício, meu tirano fado, / Este mês¹⁰² me diz que meu estado / Se há de mudar em outro diferente. / Leve pois as fortunas, os favores¹⁰³; / Eu os desprezo já porque é loucura / Comprar a tantos presos as minhas dores¹⁰⁴: / Se quer-me, não chore a sorte escuras¹⁰⁵, / Ou saiba ser mais firme nos rigores, / Ou saiba ser constante na brandura”. É outra coisa espetacular! São pessoas que viveram aqui dentro; a própria linha da poesia mostra o que esse povo via, como eles sentiam a cidade, mostra que sabiam que as coisas iam acontecer. Mostra para a gente que a nossa história... Através do próprio Cláudio Manoel da Costa, mostra tudo aquilo que ele viveu, na altura em que passou por aqui. São muitas coisas que mexem com a gente e que eu consigo entender, justamente por gostar da cidade. Tem hora que eu não sei explicar, tem hora que eu me pergunto: “Quem eu sou? O que estou fazendo aqui?” Agora, eu tenho sangue político; gosto da política,

¹⁰⁰ O entrevistado equivooca-se ao declamar esse verso, que diz: “É da sala, **aonde** assiste...” (destaque nosso) Cf.: GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu; lira XXXVII. In.: **A poesia dos inconfidentes**; poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 675.

¹⁰¹ COSTA, Cláudio Manoel da. Lira XXXII. In.: **A poesia dos inconfidentes**; poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 65.

¹⁰² O entrevistado equivooca-se ao declamar esse verso, que diz: “Esse **mesmo** me diz que o meu estado” (destaque nosso).

¹⁰³ O entrevistado equivooca-se ao declamar esse verso que diz: “Leve pois **a fortuna os seus favores**” (destaque nosso).

¹⁰⁴ O entrevistado equivooca-se ao declamar esse verso, que diz: “**Comprar a tanto preço** as minhas dores” (destaque nosso).

¹⁰⁵ O entrevistado equivooca-se ao declamar esse verso, que diz: “**Se quer que me não queixe a sorte escura**,” (destaque nosso).

gosto da cidade e quero fazer algo por ela. O destino pertence ao homem lá em cima¹⁰⁶. Mas alguma coisa no futuro a gente pode trabalhar, naturalmente, para poder lutar.

Jason Santa Rosa – Ponte Nova, você falou de um sentimento diferenciado que te faz enxergar além; que, às vezes, as coisas acontecem, você está ali, mas já deu a volta. De onde você tirou ou de onde vem isto?

Ponte Nova – É natural. É alguma coisa que eu sinto, é uma proteção que a gente tem, é alguma coisa que vem e direciona, que dá para a gente... Eu não sei o que é, um dom, alguma coisa neste sentido. Às vezes, sou muito mal interpretado por pessoas que pensam que eu quero alguma coisa, e não estou querendo nada daquilo. Mas eu consigo entender que ele acha que eu quero aquilo, mas não é aquilo que eu quero, entendeu? Então, eles agem comigo de uma forma muito assim e tal. Eu sinto também que poderia estar contribuindo muito pela cidade, muito mais, e não estou. Talvez, não foi minha hora, talvez não foi o momento de estar contribuindo. Então, tudo isso que vem acontecendo... Quando digo que eu vou para frente é por isto: quando me barram, quando acham que eu não posso, eu vou dando volta; quando se assustam, me encontram em outro lugar, e assim vai acontecendo. No dia-a-dia, acontece isso comigo, entendeu? Eu olho para frente. Todos nós temos defeitos. Eu vejo as coisas, eu tenho uma transparência comigo... Eu não vejo nada de ruim e negativo para ninguém, eu vejo tudo de bom e de bem para todos. Eu sempre sou assim; não gosto de ter inimigo, mas a gente sabe que inimigo... Se existe amigo, existe inimigo; se existe cara, existe coroa. Então, a gente sabe que são dois lados. A vida é dois lados. Você tem sempre dois momentos, nunca um só, nunca o meu momento é certo. Eu acho que é, mas não é, porque tudo é dois, nada é um, não é? Então, a gente vê que é tudo desse jeito. Às vezes, estou dormindo e acordo de madrugada, às três, quatro horas. Não durmo mais e aí vêm os pensamentos e vou vendo as coisas naturalmente, como fazer, como não vou fazer, não é? No primeiro momento eu tinha até medo, às vezes, quando marcava uma reunião de bairro, algumas coisas assim. Falava: “Será que o pessoal vai? Será que não vai?” De repente veio comigo aquela coisa de que se forem, bem; se não forem, tudo bem também. Mas não desista, nunca desista. Então, eu não desisto. Eu tenho uma

¹⁰⁶ Refere-se a Deus.

coisa comigo: eu não desisto das coisas, eu sempre luto da minha forma pelas coisas. Eu não apareço muito; eu não tenho que aparecer. Às vezes, a gente fica parada em um lugar e sabe de tudo que está acontecendo. São coisas naturais da vida, não é? Eu vejo tudo assim. E o próprio destino... Quando saí daqui, pensava em ir para Curitiba¹⁰⁷. Fui para Curitiba... Tem outra coisa que me enriqueceu muito: quando estive Presidente da Associação de Guias, eu andei... Eu tinha seis, 12... Como é que é?... A cada seis meses eu ia para um estado diferente onde havia reuniões; depois tinha o congresso. Eu andei participando de vários. Quando Curitiba estava crescendo, aquele negócio do Rapidinho¹⁰⁸, aquela coisa toda, eu estava lá. Eu tive palestra com Rafael Greca¹⁰⁹, com Jaime Lerner¹¹⁰, com aquele povo todo. Tive também, no Pará, com o Jader Barbalho¹¹¹; em Santa Catarina, com aquele Esperidião Amin¹¹². Naturalmente, sem forçar, eu estava nos lugares onde esse povo estava, nas suas palestras. Tudo isso era um acréscimo a minha linha de pensamento sobre algumas coisas e tal... E outros mais que eu fui conhecendo por aí, naturalmente. É isso que me faz, talvez, ser o que eu sou e pensar como eu penso. Como posso dizer? Eu sou muito difícil de ser interpretado e entendido, justamente pela visão que tenho. Até familiar mesmo... Eu não sou muito daquela coisa de ficar preso ali; eu sou muito de andar. Então, tudo isso é natural e é coisa da vida. Tem coisa que eu não sei explicar.

Jason Santa Rosa – Só uma última pergunta, aproveitando sua experiência e este Projeto do Trem. Como você vê a questão dos aspectos turísticos ligados

¹⁰⁷ Capital do Paraná.

¹⁰⁸ O entrevistado confundiu-se. Esta modalidade de transporte público urbano de Curitiba chama-se “Ligeirinho”.

¹⁰⁹ Rafael Greca de Macedo é curitibano, formado em Economia e Engenharia, com especialização em Urbanismo. É membro concursado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Foi vereador, deputado estadual constituinte, prefeito de Curitiba, deputado federal e Ministro do Estado de Esporte e Turismo.

¹¹⁰ Jaime Lerner é arquiteto e planejador urbano. Foi prefeito nomeado da capital paranaense por duas vezes e eleito em 1989. Exerceu o cargo de diretor da Escola de Arquitetura de Curitiba e, em 1975, foi consultor de urbanismo da Organização das Nações Unidas. É membro honorário do Real Instituto de Arquitetos do Canadá e do Instituto Americano de Arquitetos. Foi eleito governador do Paraná em 1994 e reeleito em 1998. Pertenceu a diversos partidos durante suas atividades políticas.

¹¹¹ Jader Fontenelle Barbalho, formado em Direito, foi eleito vereador, deputado estadual, deputado federal por duas vezes, governador do Pará por duas vezes e senador. Também assumiu os postos de Ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário e de Ministro da Previdência e Assistência Social. Pertenceu a diversos partidos durante suas atividades políticas.

¹¹² Esperidião Amin Helou Filho, formado em Administração e Direito, foi eleito prefeito de Florianópolis por duas vezes, deputado federal, governador de Santa Catarina e senador. É político do PP (Partido Progressista).

ao trem, às duas cidades, ao que tem no trajeto, aos turistas e às estações? Você já teve chance de conferir?

Ponte Nova – Já e tenho, inclusive, clientes para quem trabalho e que me ligam e me pedem o contato. Passo os contatos. Alguns grupos com quem eu vou trabalhar daqui para frente já têm a intenção de fazer Ouro Preto – Mariana. É uma experiência muito boa. A gente sabe que é uma hora de trajeto e o visual, principalmente quando sai de Mariana para Ouro Preto e pega aquela área do garimpo... Isso tudo é dez, isso tudo é interessante! Quando o trem começa a subir, quando os grupos conseguem observar aquele detalhe da mineração, aquelas coisas todas, eles ficam... A gente sente a forma com que eles... Acho que tem tudo para dar certo, não agora, porque está iniciando, mas para o próximo ano e outros mais. Eu tenho certeza de que vai ter que ser feito um trabalho de coisa – muita gente virá para fazer esse passeio – ligando a área patrimonial com o passeio do trem. Você liga a parte da história com o passeio do trem. No dia em que fiz um *tour* com o pessoal, veio à cabeça um roteiro assim: Mariana – Sé¹¹³, da Sé ao trem, do trem a Ouro Preto, Ouro Preto – Pilar¹¹⁴. E acabou. Eu fico criando os roteiros para fazer com meus grupos. Dentro dessa linha, eu já sei o que vou falar. Por exemplo, já sei o que vou comentar na Sé, o que vai acontecer no caminho do trem, já sei como termino no Pilar. No decorrer da vida, da experiência de atender muitos grupos, a gente sabe que as pessoas não agüentam ouvir muita coisa. Tem que saber fazer os roteiros; não precisa ser muita coisa, é pouca coisa bem vista e bem explicada, só. Agora, às vezes, as pessoas querem... Ouro Preto tem 30 monumentos católicos. Todo mundo quer... Às vezes, as pessoas querem visitar tudo. Não tem condições. São dois, três e tal, porque é cansativo; arte, história, essas coisas todas são cansativas. Ainda mais quando me contratam para falar! Aí fica mais complicado ainda, porque eu vou falando muito.

Keka Simões – Em nome do Trem da Vale, gostaria de te agradecer a entrevista que, sem dúvida nenhuma, vai ser super importante para o programa todo e para as pesquisas das crianças.

Ponte Nova – Sou eu que agradeço e, em se tratando de criança e pesquisa, fico mais satisfeito ainda. Eu tenho uma grande vontade de fazer, no futuro,

¹¹³ Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana.

¹¹⁴ Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

algum trabalho na área de educação. Se Deus quiser, aliás ele quer... A gente tem que querer, para que, ao longo do tempo, tenha uma cidade diferenciada e uma linha de pensamento das comunidades, das pessoas, bem mais evoluída em se tratando de patrimônio – o patrimônio arquitetônico e o patrimônio mais importante: o patrimônio humano que é o povo de Ouro Preto.

Keka Simões – Muito obrigada.

Ponte Nova – Falou.

[Término da entrevista]